

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

PEDRO SANG

Onipotência do pensamento e narcisismo:

A presença viva da criança no adulto sonhador

São Paulo

2020

PEDRO SANG

Onipotência do pensamento e narcisismo:

A presença viva da criança no adulto sonhador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura, para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Tratamento e prevenção

Orientador: Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo

São Paulo

2020

Nome: SANG, P. **Onipotência do pensamento e narcisismo: A presença viva da criança no adulto sonhador.** 2020. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Julgamento: _____

Prof. Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Julgamento: _____

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Jr.

Universidade de São Paulo – USP

Julgamento: _____

Ao Lipe

“O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).”

Número de processo: 169091/2018-0.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luis Claudio Figueiredo, orientador desta pesquisa: sua generosidade e a clareza de seu pensamento se tornaram fonte de inspiração profunda.

À Prof. Dra. Elisa Ulhôa Cintra pela leitura atenciosa e análise do texto no exame de qualificação, e a quem devo o início da investigação das ideias desse trabalho, que começaram desde as leituras de *A negação*, em 2008.

Ao Prof. Dr. Nelson Coelho Jr. pela analítica conversa no exame de qualificação e com quem tive o privilégio de conversar e assistir aulas antes mesmo de entrar na graduação.

Aos colegas de orientação: Adriana Gradin, Andrea Acioli, Carolina Paixão, Carla Metzner, Celina Diaféria, Claudia Rezende, Gustavo Dean, João França, Julia Cizik Franco, Maíra Mamud, Ricardo Cavalcante, Rodrigo Mello, Thaís Siqueira, Vanessa Chreim e Victor de Jesus pelas muitas leituras, conversas e aprendizagens.

Aos queridos amigos, por toda uma vida compartilhada.

Aos amigos dos encontros de quarta-feira: Patrícia Nogueira, Ricardo Cavalcante e Thais Siqueira.

Aos meus pais Lélia e Ernesto, fonte de vida e inspiração e que tanto me transmitiram sobre amor, dor e transformação.

À leitora atenciosa e amorosa, companheira de vida e de sonhos, Thaís Siqueira.

Ao Elias Rocha Barros, por me transmitir o pensamento, profundo e íntimo, psicanalítico.

À Luciana Pires, pela generosidade e amorosidade que me acompanha desde meu primeiro paciente.

À Elizabeth Rocha Barros, pela atenção e contribuição à minha formação.

À Anna Silvia Rosal de Rosal pela revisão do texto.

*“O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como a gente voa quando começa a pensar”*

Lupicínio Rodrigues

*“Porque se chamava homem
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem”*

Lô Borges / Márcio Borges / Milton Nascimento

RESUMO

SANG, P. **Onipotência do pensamento e narcisismo: A presença viva da criança no adulto sonhador.** 2020. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Os sonhos de Freud caracterizam seu objeto de investigação e seu próprio meio de elaboração da metapsicologia psicanalítica. O presente trabalho buscou analisar o sonho de Freud com seu tio Josef, presente no texto *A Interpretação dos sonhos* (1900), de modo a explicitar as articulações teóricas de Freud, em íntima relação com sua autoanálise, acerca de dois conceitos psicanalíticos: onipotência do pensamento e narcisismo. Sendo assim, esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica em psicanálise, uma revisão de conceitos feita via exegese de textos psicanalíticos, em especial, textos selecionados da obra freudiana do período de 1900 a 1915. Ao analisar os sonhos, Freud também constrói uma teoria sobre o sonhar enquanto uma maneira especial de pensar. Nesse sentido, o sonhar é um fechamento do sonhador em si mesmo, mas tal fechamento nunca se completa, e a onipotência do pensamento pode representar uma maneira mágica de substituir uma realidade por outra inventada ou uma tentativa de superação criativa dos impasses da realidade.

Palavras-chave: Onipotência do pensamento. Pensamento mágico. Pensamento onírico. Narcisismo. Sonho.

ABSTRACT

SANG, P. Onipotência do pensamento e narcisismo: A presença viva da criança no adulto sonhador. 2020. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Freud's dreams characterize his object of investigation and his own means of elaborating the psychoanalytical metapsychology. The present work sought to analyze Freud's dream with his uncle Josef, present in *The Interpretation of Dreams* (1900), in order to explain Freud's theoretical articulations, in close relationship with his self-analysis, about two psychoanalytic concepts: omnipotence of thinking and narcissism. Thus, this study is characterized as a theoretical research in psychoanalysis, a revision of concepts made through the exegesis of psychoanalytic texts, in particular, selected texts from the Freudian work in the period from 1900 to 1915. When analyzing dreams, Freud also constructs a theory about dreaming as a special way of thinking. In this sense, dreaming is a closure of the dreamer in itself, but such closure is never complete, and the omnipotence of thought can represent a magical way of replacing one reality with another that has been invented or an attempt to creatively overcome the impasses of reality.

Keywords: Omnipotence of thinking. Magic thinking. Dream thinking. Narcissism. Dream.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A QUE MUNDO SOMOS TRANSPORTADOS QUANDO SONHAMOS?	21
2.1 O TRABALHO DO SONHO	22
3 A CRIANÇA VIVE NO SONHO	31
3.1 Os restos do dia, e da vida	32
3.2 A criança viva: matriz do sonho	41
3.3 O desejo imortal da criança	52
4 QUANDO SONHAMOS SOMOS LEVADOS A UM MUNDO DE POSSIBILIDADES	57
4.1 O sonho é uma forma especial de pensar	58
4.2 Todos os sonhos levam a Roma.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

Introduziremos essa pesquisa com a apresentação de dois sonhos do pesquisador que estão na origem e orientam esse estudo. Esses dois sonhos se ligarão a um sonho de Freud, apresentado em *A interpretação dos sonhos* (1900), pois encontramos nesses sonhos experiências emocionais de uma mesma natureza e que constituem nosso problema de pesquisa: a relação entre onipotência do pensamento e narcisismo. Os sonhos que apresentaremos nos parecem fundamentais pois constituem a pré-história desse trabalho, uma vez que evidenciam a relação da pesquisa íntima na análise pessoal do pesquisador e o desenvolvimento teórico de tal experiência via a presente dissertação de mestrado. Procederemos de tal maneira pois seguiremos aquilo que mais nos parece valioso como método de pesquisa em psicanálise, assim como proposto por Freud na *Interpretação dos sonhos* (1900): um emaranhado entre autobiografia e ciência, conforme assinala Gay (1923). Como afirma Ab'Saber (2005, p.255):

[...] a teoria do desejo produtor do sentido anunciada no sonho é amplamente psicanalítica, buscando ser uma formulação geral do humano. É indiscriminável assim, neste emblema teórico preciso e profundo de Freud, o que é sonho e o que é teoria, o que é o homem Freud e o que é o humano, e estamos diante da profunda alquimia simbólica que Freud operou em si mesmo e em seus próprios sonhos, já em *A interpretação dos sonhos*, em que algo particular da sua matéria humana pessoal elevou-se à alma de todos nós: estamos diante do célebre sonho de Freud, da análise de seu inconsciente `a análise do humano, a psicanálise¹.

Em contrapartida, vale ressaltar que não procederemos de tal maneira durante toda a pesquisa, ou seja, não se trata de uma pesquisa autobiográfica e nem mesmo de uma análise da biografia de Freud. O presente estudo se caracterizará como uma pesquisa teórica em psicanálise, uma revisão de conceitos feita via exegese de textos psicanalíticos, em especial, textos selecionados da obra freudiana no período de 1900 a 1915.

Vamos aos sonhos...

¹ Ainda que o sonho ao qual Tales Ab' Saber se refira não seja o mesmo escolhido por nós, lemos essa passagem como uma afirmação válida para todos sonhos de Freud.

Na noite anterior ao sonho eu havia ido à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) assistir à apresentação de uma mesa de trabalho composta, entre outros analistas, por meu próprio analista. Nesta apresentação, para minha surpresa, meu analista fez uma análise de seu próprio sonho, evidenciando os processos de representação contidos nele. Não entrarei em detalhes sobre esse trabalho, porque aqui não nos interessa, mas não poderei me furtar de um detalhe que me parece fundamental para nossa análise: nesse sonho meu analista revela sua aflição frente ao processo de escrita de tal trabalho que apresentaria não apenas na SBPSP, mas também em um congresso internacional. Sua aflição está diretamente relacionada à ambição de seus desejos com tal apresentação. Nessa mesma noite faço o seguinte sonho: entro em minha análise e me deparo com o divã cheio de almofadas. Dou uma risada e me sento em uma poltrona. Fico *tête a tête* com meu analista e esse me diz: “não tem graça!”. No dia seguinte, levo esse sonho para a análise e recebo a seguinte interpretação: ao ver meu analista apresentar um trabalho na noite anterior, trabalho que me inspirou uma profunda admiração, “roubo” de meu analista sua capacidade de ser analista, tornando-me magicamente seu colega *tête a tête*, sem que para isso necessite deitar no divã e me submeter à análise. Minha risada é sinal de meu triunfo: “ontem, ao te ver te admirei e agora, magicamente, me torno você”. O sonho ainda termina com a frase “não tem graça”, o que interpreto como meu desejo de tornar-me analista “de graça”, sem atravessar o custoso trabalho de análise, transformando-o em uma “piada graciosa” sem considerar minha dependência de meu analista. Vale ressaltar que meu pai também é analista.

Obviamente, esse sonho teve muitos desdobramentos e, alguns anos depois, fiz o seguinte sonho: sentia uma dor muito forte nos ouvidos. Eu cutucava-os com delicadeza e, entre muita dor, retirava sujeira. Permanecia fazendo isso durante um tempo até que, na profundidade de meus ouvidos, encontrava moedas. Em minhas associações fiz referência ao sonho de anos atrás, o mesmo que apresentei anteriormente. Em princípio, não sabia qual a relação entre eles, mas em sua análise pude ter contato com o verdadeiro processo de tornar-me analista: transformar dor e “sujeira” em algo valioso².

² Ressalte aqui a diferença entre os dois sonhos: no primeiro, encontramos meu triunfo sobre a dor, a espera e a dependência de meu analista, e de meu pai. No segundo, podemos encontrar um processo que considere tais aspectos da vida em um trabalho de transformação: do triunfo a uma fonte de inspiração.

É claro que a análise de tais sonhos me levou a uma profundidade e uma diversidade muito grande de interpretações, mas para incluí-los nessa pesquisa, também como continuidade de minha formação, faço esse recorte que evidencia a presença da onipotência em meus pensamentos e desejos de tornar-me analista. Se esses sonhos me ensinaram algo foi que nessa trajetória não há atalhos. Assim, fui levado a continuidade de meus estudos.

Nesse período, em um dos seminários que compôs minha formação, li *A interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900) e, sensível aos temas da ambição, triunfo e realizações grandiosas e mágicas, como representados nos sonhos anteriores, tive a feliz oportunidade de me deparar com o sonho de Freud com seu tio Josef. Neste sonho, Freud se pergunta: “De onde, portanto, veio a ambição que o sonho me inspirou?” (FREUD, 1900, p.213). Seguindo essa investigação de maneira pessoal e teórica, Freud me inspirou a destacar as relações implícitas e explícitas que faz sobre o tema da onipotência. Foi esse o “algo particular da matéria humana pessoal de Freud” que tocou a minha alma e, me exigiu trabalho (AB’SABER, 2005, p.255).

Vamos ao sonho com o tio Josef ...

O contexto do sonho se dá na primavera de 1897, quando Freud soube que teria sido sugerido por dois professores da universidade para o cargo de professor adjunto, título esse, segundo ele, que elevava o médico a categoria de semideus para seus pacientes. Na noite anterior ao sonho, Freud teria se encontrado com um colega e amigo, que há muito tempo esperava por essa nomeação, e que acabara por fazer uma tentativa fracassada de pressionar o ministério para a promoção:

Tive o seguinte sonho, que também era notável quanto a sua forma. Ele consistiu de dois pensamentos e duas imagens, de tal maneira que se alternavam um pensamento e uma imagem. Narro, porém, apenas a primeira metade do sonho, visto que a segunda nada tem a ver com o propósito ao qual deve servir a comunicação do sonho.

[...] meu amigo R. é meu tio. – Sinto grande ternura por ele.

Vejo o seu rosto um tanto modificado diante de mim. É como se tivesse sido esticado, e uma barba amarela que o cobre se destaca com especial nitidez” (FREUD, 1900, p.159).

Em sua primeira aparição, no capítulo sobre a distorção onírica, a análise desse sonho foi levada até o ponto em que se apresentou de maneira palpável que o motivo do sonho era o desejo de Freud de ser nomeado professor. A ternura sentida por seu tio

disfarçava e distorcia seu desprezo pela ambição de seus colegas por tal nomeação. O desprezo, por sua vez, evidencia o verdadeiro sentido do sonho: ao degradar seus colegas, Freud mantém seu caminho para a cátedra livre de impedimentos.

Paremos aqui para comentarmos a relação entre esses sonhos e, assim, caracterizarmos aquilo que será nosso objeto de nossa investigação: a onipotência do pensamento.

Voltemos, rapidamente, em algumas ideias de Freud acerca dos sonhos - esse exercício constituirá nosso capítulo 2. Até o momento no qual o sonho com o tio Josef aparece, Freud está completamente dedicado a demonstrar como os sonhos possuem um sentido profundo se considerarmos que tal sentido se encontra no conteúdo latente. A interpretação do conteúdo manifesto permite-nos ter acesso ao verdadeiro material do sonho: a realização de um desejo inconsciente. O material de onde provém tais desejos são experiências infantis, inclusive aquelas às quais não temos acesso na vigília. Mas não apenas o sentido do sonho é revelado por sua interpretação: o próprio inconsciente enquanto instância psíquica em conflito com o pré-consciente/consciência são descobertos por Freud. Dessa forma, encontramos no sonho o paradigma do aparelho psíquico.

O sonho, como nos diz Freud, passa a ser uma janela pela qual podemos lançar um olhar para o interior da vida psíquica, desde seus primórdios. Dessa forma, os sonhos nos permitem uma regressão temporal, formal e tópica do funcionamento psíquico, ou seja, uma volta a um passado longínquo que continua produzindo seus efeitos no presente recente do sonhador: “para nossa surpresa, *descobrimos que a criança, com seus impulsos [Impulse], continua vivendo nos sonhos*” (FREUD, 1900, p.212).

Que criança viva encontramos nos sonhos? Essa pergunta será central em nossa investigação.

Voltemos à maneira como Freud apresenta seu sonho: “tive o seguinte sonho, que também era notável quanto à sua *forma*” (FREUD, 1900, p.159, grifo nosso). Será pela investigação sobre a forma do sonhar que encontraremos a presença marcante do infantil nos sonhos. Dando ênfase aos aspectos formais, poderemos nos aproximar daquilo que entendemos como uma particular maneira da criança atribuir sentido à experiência e expressá-lo: a onipotência do pensamento. Sendo assim, no capítulo 3, faremos uma análise sobre a onipotência do sonhar, do alucinar e do pensar.

Deixando de lado aqui uma análise mais profunda sobre o conteúdo dos sonhos e suas associações, análise esta que constituirá nosso capítulo 4, podemos notar que os sonhos apresentados nessa introdução guardam uma semelhança na natureza da experiência emocional que representam: realizam suas ambições por via do desprezo aos outros e da realização mágica de seus desejos, sem consideração à dor, à espera, à dependência das pessoas e aos diversos impedimentos da realidade. A forma dos sonhos, seu aspecto formal, caracteriza o infantil da vida psíquica, ou seja: por via da onipotência do pensamento os caminhos da realização das ambições megalomaniacas encontram-se livres de impedimentos.

Porém, vale ressaltar que fizemos uma separação didática entre forma e conteúdo do sonho. Sabemos que esta separação é plenamente forjada, uma vez que os entendemos de forma indissociável. Porém, para a pesquisa, esta separação nos parece necessária, e orientará a arquitetura desse trabalho. Inclusive, ao final, tentaremos uma discriminação entre pensamento mágico e pensamento onipotente, considerando os diversos aspectos da presença da onipotência nos processos do pensar.

O capítulo 2, portanto, será dedicado a uma revisão das ideias de Freud acerca dos sonhos, tomando como principal texto *A interpretação dos sonhos* (1900). Essas ideias nos conduzirão para o capítulo 3, no qual faremos uma análise sobre a presença da onipotência do pensamento no sonhar. Desenvolveremos estes capítulos tentando destacar os caminhos abertos por Freud para pensarmos numa teoria sobre a forma do pensamento, ou melhor, uma teoria sobre o pensar onipotente. Nesse sentido, Ogden (2010, p.21) afirma:

Em termos amplos, é possível pensar a era atual da psicanálise como a época do pensar sobre o pensar. Parece-me que as questões mais interessantes e criativas com as quais os analistas atualmente trabalham têm menos a ver com o conteúdo simbólico dos sonhos, das associações, do brincar e de outros comportamentos, e mais, do ponto de vista psíquico, com o que fazemos com nossa experiência vivida. Em outras palavras, enquanto analistas clínicos e teóricos, nossa atenção se concentra cada vez mais na maneira de a pessoa pensar, e não no que ela pensa.

Tentando não entrar no mérito daquilo que sejam “as questões mais interessantes”, empreenderemos um estudo sobre os dois aspectos, uma vez que entendemos que ao analisar o sonho com o tio Josef, Freud evidencia duas descobertas:

pela forma do sonho, descobre o pensamento onipotente e, por seu conteúdo, a origem de suas ambições de tornar-se um grande homem.

Passemos aqui à apresentação da segunda parte do trabalho que será desenvolvida no capítulo 4: A análise do conteúdo simbólico do sonho com o tio Josef e os caminhos abertos para a pesquisa sobre o narcisismo. Nesse sentido, a sequência e aprofundamento da análise do sonho com o tio Josef nos fornecerá uma pista. Até então, Freud apenas encontrara os motivos do sonhar em um passado recente: tornar-se professor adjunto. Porém, como nada em Freud é simples, ele não se contentara com tal análise: “Ainda não estou tranquilo com a facilidade com que degradei dois colegas respeitados para manter livre meu caminho para a cátedra [...] o sonho apenas expressa meu *desejo de que as coisas fossem assim*” (FREUD, 1900, p.161).

Segundo Freud, seu desejo de ser nomeado professor adjunto não parece ter força suficiente para produzir um sonho. A origem do sonho deve estar num passado mais longínquo.

Freud retoma a análise desse sonho, agora no capítulo *O infantil como fonte do sonho*, e se lança numa investigação mais profunda: qual seria a origem de sua ambição?

Dessa forma, Freud (1900, p.213) chega a duas histórias de sua infância:

Recordo-me que ouvi contarem muitas vezes durante minha infância que, quando nasci, uma velha camponesa profetizou à minha mãe, feliz com o seu primogênito, que ela havia presenteado ao mundo um grande homem.

Essa primeira lembrança se junta à segunda, intermediada pela pergunta: “Será que minha *ânsia de grandeza* proviria dessa fonte?” (FREUD, 1900, p.213).

Vejamos...

Esse é o momento no qual Freud se lembra de uma cena dos seus onze ou doze anos, quando costumava frequentar um restaurante com seus pais. Certo dia, um homem que passava improvisando versos de mesa em mesa deixou cair algumas rimas sobre o menino e declarou que era provável que um dia se tornasse *ministro*.

Ainda posso me lembrar muito bem da impressão que essa segunda profecia causou. Era a época do Ministério Civil, e pouco antes meu pai tinha trazido para casa os retratos dos doutores Herbst, Giskra, Unger, Berger, entre outros, que foram iluminados em honra a esses senhores. Havia inclusive judeus entre eles; assim, todo garoto judeu

aplicado levava a pasta ministerial na sua pasta escolar. O fato de que até pouco antes das inscrições na universidade eu quisesse estudar direito, e só no último instante mudasse de opinião, deve, inclusive, estar relacionado com as impressões dessa época. E a carreira ministerial, decididamente, está vedada ao médico (FREUD, 1900, p.213).

Essas lembranças infantis o levam a concluir sobre a verdadeira realização de desejo implícita no sonho com o tio Josef: seu desejo de ser ministro. Assim, ele nos diz: “Só agora percebo que ele [sonho] me leva do presente sombrio à época esperançosa do Ministério Civil e cumpre meu desejo *daquela época* na medida de suas forças” (FREUD, 1900, p.214).

Numa primeira leitura, é difícil encontrarmos a profundidade dessa segunda interpretação. A substituição do desejo de ser nomeado professor adjunto pelo desejo de ser ministro, numa leitura simplista, se diferencia apenas pela cronologia, ou seja, ser ministro é um desejo mais antigo, de um passado mais longínquo e implícito nas lembranças da infância de Freud. Porém, um desejo mais antigo, não necessariamente significa ser mais profundo. Tal profundidade encontra-se de maneira mais implícita e dependerá de uma certa interpretação que considere os aspectos narcísicos da experiência.

Nos expliquemos...

Começemos por uma passagem da análise do sonho:

Se minha necessidade de ser chamado por um outro título fosse tão forte, isso seria a prova de uma ambição doentia que não conheço em mim. Não sei como outras pessoas que acreditam me conhecer me julgariam neste ponto; *talvez eu realmente tenha sido ambicioso; porém, se foi esse o caso, a ambição se voltou há muito tempo para objetos diferentes do título e da categoria de professor adjunto* (FREUD, 1900, p. 213, grifo nosso).

Que a ambição de Freud se voltou para outros objetos nós sabemos, especialmente a psicanálise e seu reconhecimento enquanto ciência. Mas seguir nesse sentido nos obrigaria a um estudo biográfico que não é de nosso interesse. Faremos uma inversão de sentido e buscaremos pensar em como os sonhos de Freud foram ajudando-o a elaborar suas experiências de vida e ampliando sua capacidade de pensar criativamente, descobrindo e criando a Psicanálise.

No momento em que nos deparamos com o sonho com o tio Josef, fizemos uma associação direta com a temática do narcisismo, que aparece para Freud mais consistentemente no texto de 1914 *À guisa de introdução ao narcisismo*. Esse sonho nos pareceu feito da matéria prima que reúne elementos que serão centrais no desenvolvimento teórico do conceito de narcisismo.

Para mostrarmos onde nos levou nossas associações, apresentaremos o trecho do artigo de 1914 a que fomos levados:

His Majesty the Baby, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia. A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe (FREUD, 1914, p.110)

Freud, ao aprofundar a análise de seu sonho com o tio Josef e encontrar em seu motivo o desejo de tornar-se ministro, revela, pelo conteúdo de suas associações, as duas histórias que apresentamos. Na primeira delas, encontramos o desejo esperançoso e grandioso de sua mãe com a gravidez de seu primogênito: presentear um grande homem ao mundo. A literalidade comparada ao trecho do texto de 1914, que se pretende uma teoria geral à origem humana, nos impressionou: a criança (Freud) deve tornar-se um grande homem para sua mãe.

Já a segunda história, tornar-se ministro, merece um pouco mais de detalhamento, pois para alcançarmos a profundidade de tal desejo, precisamos reunir os elementos que surgem nos sonhos que se seguem na sequência do sonho com o tio Josef: os sonhos de Roma.

Tenhamos na memória essa referência ao texto de 1914 (p.110): “*a criança deve satisfazer e realizar os sonhos não realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai.*”

Para introduzir os sonhos de Roma, Freud (op. cit) nos diz:

Em outro caso, pude observar que o desejo que estimulou o sonho, embora sendo atual, recebe um poderoso reforço de lembranças infantis profundamente arraigadas. Trata-se aqui de uma série de sonhos em cuja base se encontra o anseio de ir a *Roma*.

É, justamente, sobre essas lembranças infantis profundamente arraigadas, que nossas atenções se concentrarão. Buscaremos os elementos que possam sugerir uma

aproximação de tais sonhos como um marco vivencial de Freud, que lhe exigiu e orientou trabalho pessoal e teórico, e abriu caminhos para a investigação sobre o narcisismo. Nesses sonhos, Aníbal - o herói semita - tem uma profunda importância para Freud. É sobre a análise de tal elemento do sonho que ele encontra em suas memórias as raízes mais profundas do desejo de tornar-se herói. A citação é longa, mas será essencial apresentá-la dessa forma:

E só agora topo com a experiência de infância que ainda hoje manifesta sua força em todos esses sentimentos e sonhos. Eu devia ter dez ou doze anos de idade quando meu pai começou a me levar consigo em seus passeios e a me comunicar em conversas as suas opiniões sobre as coisas deste mundo. Assim, para mostrar o quanto a época em que nasci era melhor que a sua, ele contou certa vez: ‘Quando eu era jovem, saí para passear num sábado pelo lugar onde você nasceu; eu estava bem vestido e usava um gorro de peles novo na cabeça. Então um cristão se aproximou e, com um golpe, jogou o gorro na lama enquanto gritava: ‘Fora da calçada, judeu!’’. ‘E o que o senhor fez?’ ‘Saí da calçada e juntei o gorro’, foi a resposta tranquila. Isso não me pareceu nada heroico da parte do homem grande e forte que levava o menino pequeno pela mão. A essa situação, que não me satisfiz, contrapus uma outra que correspondia melhor à minha sensibilidade, a cena em que o pai de Aníbal, Amílcar Barca, faz o filho jurar diante do altar doméstico que se vingará dos romanos. Desde então, Aníbal teve um lugar em minhas fantasias (FREUD, 1900, p.217).

Tornar-se Aníbal e vingar a humilhação do pai diante do antissemitismo: esse parecer ser o desejo de Freud. Dessa forma, os sonhos de Roma nos ajudam a aprofundar a análise do sonho com o tio Josef. Se juntarmos esses sonhos, que se apresentam em sequência na Interpretação dos sonhos, para pensarmos os desejos que neles tentam se realizar, poderemos estabelecer os pontos de contato com as ideias acerca do narcisismo: Freud *torna-se um grande homem [para sua mãe] e herói no lugar do pai*, tal qual formulado quatorze anos depois como um constructo teórico.

Os desejos megalomânicos dos pais, seu próprio narcisismo, fonte primária da libidinização do bebê, assim como concebido por Freud em 1914, encontram a maneira onipotente da criança dar sentido às experiências e, dessa forma, são internalizados. Retrospectivamente, encontramos no sonho de Freud com o tio Josef a matéria prima dessa relação que culminará no conceito de narcisismo³.

³ Ressaltemos o aspecto do encontro entre o dentro e o fora assim como “a fome e a vontade de comer”. A “vontade de comer” dos pais, seu narcisismo proveniente dos desejos não realizados, encontram a “fome” do bebê, sua maneira onipotente de conceber o mundo e suas relações: ambos se retroalimentam.

Porém, como sabemos, o conceito de narcisismo não se restringe às imagens paternas. E, sendo assim, mais uma vez o sonho com o tio Josef se tornou um objeto privilegiado que nos forneceu pistas de outros elementos que serão incluídos, posteriormente, na investigação psicanalítica de Freud. Quais sejam, humilhação, poder e triunfo, elementos presentes nos sonhos de Roma, completam, do nosso ponto de vista, o conjunto de experiências que estarão contempladas no conceito de narcisismo.

Desse modo, pretendemos nessa dissertação explicar o que o sonho com o tio Josef, no nosso entender, permitiu a Freud articular teoricamente, em íntima relação com sua experiência vivencial, acerca desses dois conceitos centrais da obra freudiana: onipotência do pensamento e narcisismo.

2 A QUE MUNDO SOMOS TRANSPORTADOS QUANDO SONHAMOS?

Começaremos com dois esclarecimentos sobre nosso ponto de partida. O primeiro deles é um pedido de paciência ao leitor, pois inevitavelmente teremos que apresentar de modo geral as descobertas de Freud sobre os sonhos, o que tentaremos fazer de maneira sucinta, uma vez que nosso objetivo está em encontrar com maior detalhamento a relação entre o trabalho do sonho e a onipotência do pensamento.

Ainda sobre esse primeiro esclarecimento, somamos um alerta para que o leitor considere a leitura que estamos fazendo do texto de 1900 a partir dos elementos que ele nos oferece, ou seja, muitas das noções e conceitos posteriores a 1900 como o recalque, a pulsão, a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, entre outros, ainda que estejam de alguma maneira esboçados, eles contém imprecisões e aporias de uma teoria em estado de elaboração (*working through*). Não nos deteremos a fazer todas as explicações sobre o desenvolvimento dos conceitos. O faremos apenas quando julgarmos necessários para que não atrapalhe a compreensão de nossa exposição.

O segundo esclarecimento trata da perspectiva que adotaremos para nos aproximar do sonho enquanto nosso objeto de pesquisa. Nesse sentido, uma concepção atual da psicanálise toma o sonho enquanto uma experiência, uma capacidade para conter e elaborar os afetos, uma possibilidade de expansão da mente (BION, 1963). Tal perspectiva amplia o sonho ao sonhar e o sentido do sonho à maneira do sonhador experienciar e atribuir sentido às experiências. Apesar de nos incluirmos nessa tradição, não adotaremos essa perspectiva para tratarmos do sonho nesse momento da pesquisa. Adotaremos a perspectiva do sonho enquanto objeto, assim como entendemos a perspectiva que Freud adotou para sua pesquisa. Seguiremos a discussão feita por Pontalis (1977, p.33) em *Entre o sonho e a dor* para tal distinção entre sonho-objeto e o sonho enquanto experiência:

[...] Freud se situa na tradição das diversas mânticas, populares ou sagradas, destina o sonho ao *sentido* e, em certa medida, desconsidera o sonho enquanto *experiência*: experiência subjetiva do sonhador sonhando, experiência intersubjetiva na análise, na qual o sonho é trazido para o analista, ao mesmo tempo oferecido e guardado, dizendo e calando.

Entendemos que a desconsideração, em certa medida, por Freud de tais aspectos não desvaloriza em nada suas descobertas sobre o sonho, aliás, muito pelo contrário,

consideramos que tal perspectiva do sonho enquanto experiência é o desenvolvimento dos aspectos que “o método freudiano deixou de lado para ser plenamente eficaz em suas descobertas” (ibid., p.34).

Nosso interesse está em, justamente, acompanhar a maneira como Freud se aproximou do seu objeto-sonho. Nesse sentido, podemos entender que Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900) se aproxima do sonho plenamente interessado em analisar sua composição, as transformações, seus mecanismos e suas leis: o trabalho do sonho. Assim como Freud, nossa atenção está na descoberta do sonho enquanto *uma forma especial de pensar*, forma essa determinada pelo *trabalho do sonho*. É essencialmente sobre ele que procuraremos avançar.

2.1 O TRABALHO DO SONHO

No fundo, o sonho não é outra coisa senão uma *forma* especial de nosso pensamento, possibilitada pelas condições do estado de sono. É o *trabalho do sonho* que produz essa forma, e só ele é o essencial no sonho, a explicação de sua singularidade (FREUD, 1900, p. 533)⁴.

A interpretação dos sonhos (1900) concretiza a fundamental provocação e contribuição que Freud faz à ciência de nosso século: o homem não é mais senhor em sua própria casa. Essa afirmação ganha ainda mais peso quando acompanhamos o método pelo qual o pensador expõe sua tese: a autoanálise de seus sonhos. É essa a forma que Freud encontra de transformar sua produção mais íntima e subjetiva, o sonho, em seu objeto de investigação. A consciência daquele que produz o sonho toma-o enquanto objeto para dar inteligibilidade à natureza de seu descentramento: o inconsciente. A psicanálise, portanto, forja-se a partir de si para conceber um sujeito descentrado de si – um sujeito compreendido através de diferentes temporalidades que habitam diferentes modos de atribuição e expressão de sentido. O sonho, portanto, nos permite entrar no túnel de tal descentramento: quando sonhamos, regredimos temporal, tópica e formalmente.

⁴ Nota de rodapé acrescentada em 1925.

O ponto de partida de Freud é de que o sonho é um “processo dotado de sentido, capaz de ser introduzido na trama dos fatos psíquicos” (Freud, 1900, p. 536). Para tanto, ele começa seu livro apresentando uma revisão da literatura científica que trata do problema dos sonhos, mas que, de maneira geral, os consideram apenas fenômenos estranhos e/ou somáticos; ou, ainda que atribuam algum sentido, não os fazem em articulação à vida mental de vigília. Curiosamente, é no ponto de vista pré-científico que encontramos uma relação de continuidade entre sonho e vida de vigília. Segundo Strachey (1979, p.65), para Freud, o ponto de vista:

Adotado pelos povos da antiguidade, estava em completa harmonia com a sua visão geral do universo que os levava a projetar no mundo externo, como se fossem realidades, coisas que, de fato, só tinham realidade dentro de suas próprias mentes.

Ainda que a proposta de Freud seja a de construir ciência e se afastar de qualquer abordagem mística e não científica sobre a problemática dos sonhos, o fato dos antigos tomarem o sonho enquanto uma realidade os aproxima, de certa forma:

O julgamento desprovido de sofisticação de quem acabou de acordar, indica que seus sonhos, mesmo que não sejam provenientes de outro mundo, transportam-no a outros mundos (STRACHEY, 1979, p.66).

A que outro mundo, do ponto de vista freudiano, somos transportados quando sonhamos?

Sabemos que o mundo de interesse de investigação de Freud tem no seu foco a memória. E desse ponto de vista, os sonhos têm uma peculiaridade que vêm de encontro com seus interesses de pesquisa, uma vez que dispõem de memórias que são inacessíveis durante a vigília.

A atenção de Freud, às memórias se dá, no curso de sua investigação, em estreita ligação com os estudos da psicopatologia, em especial, com seus estudos sobre a histeria. Sua teoria apresentada sobre o adoecimento histérico traz uma relação intrínseca entre memórias – também inacessíveis ao doente – e loucura, assim como enunciado em suas “Comunicações preliminares” junto a Breuer: “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*” (BREUER; FREUD, 1893, p.43).

Nesse ponto, outra distinção é fundamental entre a teoria freudiana que começa a se expressar e os estudos que até então eram feitos sobre a psicologia dos sonhos e a loucura:

A indiscutível analogia entre os sonhos e a loucura é um dos fatores principais da teoria médica dos sonhos que considera o sonhar como um processo perturbador e inútil, como a expressão de uma atividade reduzida da mente (STRACHEY, 1979, p.68).

Se retomarmos a tese freudiana que apresentamos – *os sonhos são um processo dotado de sentido, capazes de serem introduzidos na trama dos fatos psíquicos* – notamos o corte radical com a produção científica de tal problemática produzida até então. Seu objetivo, justamente, caminha na direção da integração entre sonho e psicopatologia, entre sonhar e viver. Como o próprio Freud (1900, p.3) anuncia no prefácio de *A interpretação dos sonhos*:

[...] quem não souber explicar a origem das imagens oníricas também se esforçará em vão por compreender as fobias, as ideias obsessivas e as delirantes, e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas.

Seguindo essa linha, lógica e cronológica, sobre a relação entre sonho, psicopatologia, memória e sentido, podemos perceber como a investigação dos sonhos apresenta um panorama de problemáticas semelhante com o que Freud havia se deparado em seus estudos sobre a histeria, conforme Mezan (1982, p.75):

O caráter ilógico dos sintomas histéricos e a aparente falta de conexão entre as queixas dos pacientes e sua boa condição orgânica haviam sido atribuídos a um vago ‘nervosismo’, ou, nas primeiras tentativas de explicação médica, à degeneração das funções psíquicas em virtude de perturbações do cérebro, quer orgânicas, quer funcionais. A experiência freudiana, ao contrário, baseava-se na suposição de que os sintomas possuíam um sentido; os vários métodos de decifração deste sentido, começando com a catarse e chegando até a livre-associação, só haviam corroborado a hipótese fundamental.

Portanto, atribuir um sentido tanto ao sintoma quanto ao sonho, configura o principal ponto de ruptura da investigação freudiana em relação às principais teses

vigentes até então. Sendo assim, cabe a Freud investigar um método de decifração para tais fenômenos aparentemente ilógicos e desconexos:

Ao concluir o exame das teorias a respeito do problema existente no final do século XIX, exame esse que constitui o capítulo introdutório da obra, Freud se dá conta de que está se colocando contra as doutrinas vigentes, que consideravam os fenômenos oníricos como processos somáticos que se tornam conhecidos pelo aparelho psíquico através de símbolos. Pois 'interpretar um sonho é especificar seu 'sentido', substituí-lo por algo que assume seu lugar, na concatenação de nossas atividades psíquicas, como um elo de valor e importância definidos' (FREUD, 1900 apud MEZAN, 1982, p.75).

Interpretar, portanto, como já diz o título do livro *A interpretação dos sonhos*, assume seu lugar central na pesquisa dos sonhos. Podemos estabelecer assim o marco fundamental que orienta a pesquisa de Freud e que vem em total correspondência com sua produção sobre os estudos sobre a histeria: o sonho assim como o sintoma, são dotados de sentido. Sua expressão, a maneira pela qual se apresenta, precisa ser decifrada por aquele que busca seu sentido mais profundo e originário. O caráter ilógico e sem conexão de tal apresentação, torna-se um enigma que preserva seus elos de relação com as forças e tendências que estão na origem de tais fenômenos (sonho e sintoma). A interpretação, portanto, tem um papel central no estabelecimento de tais elos e, inclusive, devolve ao sonhador e ao doente a possibilidade de incluí-los na esfera de sua vida psíquica. A psicopatologia, portanto, não se difere da normalidade pela natureza dos fenômenos, mas por seu grau.

Portanto, o sonho, enquanto objeto de investigação, é apenas um substituto do sintoma. Porém, ele apresenta uma vantagem em relação ao sintoma para os objetivos de Freud na construção de sua teoria psicanalítica: o sonho é um fenômeno cotidiano, que aparece para qualquer pessoa durante a noite e, portanto, não se restringe ao doente. Desse ponto de vista, a Psicanálise enquanto uma teoria sobre a vida mental, a metapsicologia, torna-se mais palpável e generalizável.

Avancemos um pouco mais sobre a relação entre sonho e sintoma, entre neurose e vida onírica, para que possamos, aos poucos, irmos entrando nos avanços sobre a metapsicologia que Freud construiu na *A interpretação dos sonhos* (1900).

Para tanto, é necessário que abordemos o papel da defesa e do desejo na formação do sintoma e do sonho e a centralidade da interpretação como método de

atravessamento das resistências. A pergunta que Freud se faz e que nos permite traçar tais relações é: porque um sonho, ou um sintoma, não se expressa diretamente?

Segundo Mezan (1982, p.75):

As incoerências da sintomatologia das neuroses podiam ser explicadas mediante o conceito de defesa, que envolvia uma transação de forças do ego – repelindo uma ideia intolerável – e certos conteúdos psíquicos, que, contudo, conservavam seu poder patogênico, retornando à vida do indivíduo sob a forma dos sintomas.

Do ponto de vista teórico, a aparente ilogicidade do sintoma e do sonho produzem dificuldades da mesma ordem, tanto para a análise do primeiro, quanto para a interpretação do segundo. Ou seja, as resistências em vários graus de intensidade ao acesso a tais conteúdos levaram Freud a formular a hipótese de que ambos se formavam da mesma maneira. Dessa forma, os métodos elaborados para compreender a neurose, permitiam ser aplicados para a investigação dos sonhos.

Os sonhos, assim como os sintomas, não se expressam diretamente, eles passam sempre por um processo de *deformação* para que possamos tolerar o acesso de tais conteúdos na consciência. A deformação tem como função o disfarce de conteúdos sobre os quais a defesa agiria, repelindo tais ideias, impedindo o acesso à consciência. Mas, a defesa não concretiza seu objetivo plenamente: as ideias, ainda que repelidas, não se apagam e continuam produzindo seus efeitos e insistindo em sua expressão seja pela formação de compromisso nos sintomas, seja produzindo sonhos, como afirma Mezan (1982, p.77):

[...] ao introduzir o conceito de ‘deformação’, Freud estabelece a conexão decisiva entre o sonho e o sintoma. Pois o sintoma também é a expressão deformada de um conteúdo psíquico [...]. Tais conteúdos, em virtude de sua incompatibilidade com o ego, são expulsos da consciência, mas retornam por meio das formações de compromisso que constituem o sintoma; Freud analisara este mecanismo a propósito da neurose obsessiva, no texto de 1896 sobre as Neuropsicoses de Defesa.

Ainda segundo Mezan, a primeira consequência da equiparação entre sonho e sintoma se dá na separação que Freud faz entre conteúdo manifesto e conteúdo latente do sonho. Tal separação, inclusive, representa para Freud um avanço fundamental na sua investigação:

Todas as tentativas feitas até hoje para resolver os problemas do sonho partiam diretamente do conteúdo onírico *manifesto* dado na memória, esforçando-se para obter a partir dele a interpretação do sonho ou, quando renunciavam a uma interpretação, para fundamentar seu juízo sobre o sonho por referência a esse conteúdo. Somos os únicos a nos defrontar com outros fatos; para nós, um novo material psíquico se introduz entre o conteúdo onírico e os resultados de nossa observação: o conteúdo onírico *latente* – ou os pensamentos oníricos – obtidos pelo nosso método. Foi a partir desses pensamentos, e não do conteúdo onírico manifesto, que desenvolvemos a solução do sonho. Por isso também se apresentou a nós uma nova tarefa que antes não existia, a de investigar as relações do conteúdo onírico manifesto com os pensamentos oníricos latentes e *pesquisar os processos que levaram estes a se transformar naquele* (FREUD, 1900, p.299, grifo nosso).

Começamos aqui, nosso descolamento do paralelo entre sonho e sintoma. Na verdade, não se trata de um descolamento, se trata de uma inversão de papéis: a investigação do sonho nos permite avançarmos sobre os processos de formação do sintoma. Os sonhos passarão, a partir desse momento, a ocupar o lugar de figura, sobre o fundo do modelo da neurose, e nos fornecerão compreensões importantes sobre os mecanismos que operam no trabalho de deformação de conteúdos provindos do inconsciente para a consciência, ou ainda, os processos que levaram estes - conteúdos latentes - a se transformar naqueles - conteúdo manifesto.

Voltemos nossa atenção para a separação que Freud faz entre conteúdo manifesto e conteúdo latente e sua nova tarefa: descobrir como um conteúdo se transforma no outro.

A melhor definição de sonho que pudemos encontrar até aqui é que, para Freud, *o sonho é um enigma figurado*. Ele é composto por duas versões de um mesmo conteúdo: manifesto e latente. O primeiro é o relato do sonho, tal qual o sonhador formula para si assim que desperta. Tal conteúdo exige ser desmembrado em seus elementos e para cada um deles pede-se por associações. Tratando-o dessa forma, é possível interpretar a composição daquele conglomerado de representações - o texto do sonho - e depreender dele seus signos e leis sintáticas, plenos de sentido e coerência:

Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico se mostram a nós como duas figurações do mesmo conteúdo em duas línguas diferentes, ou melhor, o conteúdo onírico se apresenta a nós como uma tradução dos pensamentos oníricos numa outra forma de expressão, cujos signos e leis sintáticas devemos chegar a conhecer pela comparação

entre o original e a tradução. Os pensamentos oníricos são facilmente compreendidos tão logo tomemos conhecimento deles. O conteúdo onírico se apresenta numa espécie de pictografia, cujos signos cabe traduzir um a um na linguagem dos pensamentos oníricos (FREUD, 1900, p.299).

Chegamos aqui, na primeira parte da resposta para a investigação sobre o mundo a que somos transportados quando sonhamos: quando sonhamos somos transportados para um mundo de pensamentos oníricos regidos por leis e dinâmicas próprias. O sonho, portanto, possibilita que tais pensamentos possam driblar as defesas, encontrar vias alternativas e permitir que as representações recalçadas retornem, junto com os afetos. Nas palavras de Freud, ao traduzir o conteúdo manifesto por via da interpretação, encontramos um mundo de pensamentos (latentes) com uma linguagem própria e que se expressam por uma espécie de pictografia: chamamos esse mundo de *inconsciente*.

Tal descoberta amplia em muito nosso entendimento sobre a vida mental e, podemos a partir daqui acompanhar a arquitetura do aparelho psíquico que Freud desenhara no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), tendo o sonho como modelo paradigmático. Nesse sentido, Freud abandona sua tentativa de estabelecer uma base anatômica para seus sistemas psíquicos como tentara em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895): nesse mundo ao qual somos transportados quando sonhamos encontramos um sistema - *o inconsciente* - definido por suas forças ou tendência dinâmicas:

Freud sugere aqui algo muito estranho, e que não cessará de inquietá-lo nos anos posteriores: que o inconsciente é não só sede de desejos, mas também de ‘pensamentos’ ou representações; o estatuto dessas representações é sumamente ambíguo, embora ele fale desembaraçadamente em ‘pensamentos latentes’ (*latente Traumgedanken*), cuja exposição coerente na consciência é o resultado do trabalho da interpretação (MEZAN, 1982, p. 79).

O leitor deve, neste momento, sentir um certo estranhamento com tal definição de inconsciente como sede de pensamentos latentes *além de desejos*, pois sobre os últimos não tratamos diretamente nessa exposição. Faremos-o agora, pois essa ordem, nos ajudará a chegarmos no nosso ponto central.

Retomemos a ordem em que Freud apresenta suas ideias em *A interpretação dos sonhos* (1900).

Se, primeiramente, assim como apresentamos no início, Freud está ocupado de sua tese de que os sonhos são plenos de sentido, logo na sequência, ele nos apresenta a interpretação do sonho-modelo da injeção de Irma, no qual encontra no conteúdo onírico uma *realização de desejo*. Nessa análise, encontramos sua famosa afirmação: “O sonho apresenta um certo estado de coisas tal como eu poderia desejá-lo; *seu conteúdo, portanto, é uma realização de desejo, e seu motivo, um desejo*” (FREUD, 1900, p.140).

A pesquisa de Freud a partir de então se desenvolve de maneira a investigar se a realização presente no sonho da injeção de Irma revela uma especificidade de tal sonho ou se este sonho revela uma particularidade de todos os sonhos: “Há, portanto, ainda outros sonhos de desejo, ou talvez existam apenas sonhos de desejo?” (FREUD, 1900, p.144).

Para responder a tal pergunta, Freud expõe uma série de sonhos que revelam sem reservas seu caráter de realização de desejo e, como sabemos, essa se tornará, sem dúvida, uma de suas maiores descobertas. Todo o capítulo III do livro será dedicado à argumentação de tal hipótese. Freud, inclusive, começa o capítulo com essa feliz e longa passagem:

Quando passamos por um desfiladeiro estreito e chegamos de súbito a uma colina em que os caminhos se dividem e o mais vasto panorama se abre em diferentes direções, podemos parar por um momento e refletir para onde queremos ir. Depois de realizarmos a primeira interpretação de um sonho, estamos numa situação semelhante. Encontramo-nos em meio à clareza de uma descoberta repentina. O sonho não é comparável aos sons desarmônicos de um instrumento musical atingido pelo golpe de uma força externa em vez de ser tocado pela mão do instrumentista, ele não é desprovido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso patrimônio de representações durma enquanto outra começa a despertar. Ele é um fenômeno psíquico de plena validade – mais precisamente, uma realização de desejo; ele deve ser incluído na cadeia das ações psíquicas compreensíveis da vigília; ele foi construído por uma atividade intelectual altamente complexa. Porém, no mesmo instante em que queremos nos alegrar com essa descoberta, somos assaltados por uma profusão de perguntas. Se conforme indicado pela interpretação, o sonho figura um desejo realizado, donde provém a forma chamativa e estranha em que essa realização de desejo se expressa? Que transformação ocorreu aos pensamentos oníricos até que o sonho manifesto, tal como nos lembramos dele ao despertar, tomasse forma a partir deles? Por que vias se sucedeu essa transformação? Donde se origina o material que foi elaborado para se transformar em sonho? Donde provém algumas das peculiaridades que pudemos observar nos pensamentos oníricos,

como, por exemplo, o fato de eles poderem se contradizer? [...] Pode o sonho nos ensinar algo novo sobre nossos processos psíquicos interiores, pode o seu conteúdo corrigir opiniões em que acreditamos durante o dia? (FREUD, 1900, p.143).

Paremos, por instante, assim como nos recomenda Freud, para que possamos refletir porque caminho iremos prosseguir. Antes de abriremos mais vias de investigação, fechemos aquelas que nos trouxeram até aqui, reunindo todos os elementos que encontramos até então para tentarmos responder às perguntas levantadas por Freud e, assim, encerrarmos nossa passagem pelo desfiladeiro da apresentação sucinta de suas descobertas sobre os sonhos.

Se o sonho pode nos ensinar algo de novo sobre nossos processos interiores ele o faz, pois, como definido na máxima freudiana, ele é a via régia para o acesso ao inconsciente. Esse, por sua vez, é definido como a sede de desejos e pensamentos oníricos regidos por forças e tendências dinâmicas particulares e autônomas ao funcionamento da consciência, ainda que a ela referida. O inconsciente, portanto, é o arcabouço de onde se origina o material que será transformado em sonho. O processo pelo qual os pensamentos latentes se transformam em pensamentos manifestos é o trabalho do sonho, e sua forma chamativa se explica pelo trabalho necessário para disfarçar um desejo intolerável à consciência - e rechaçado pela defesa - passível de expressão. Em última instância, o sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido.

Assim como no sonho com Irma, encontramos no sonho que orienta nossa pesquisa - o sonho de Freud com seu tio Josef - uma realização de desejo: “o sonho apenas expressa *meu desejo de que as coisas fossem assim*” (Freud, 1900, p.161). Porém, logo na sequência de tal afirmação, Freud revela sua insatisfação, o que tornará a sua investigação – e a nossa – mais complexa: “Contudo, repito, o sonho ainda necessita de explicações adicionais” (Freud, 1900, p.162).

Ainda que tenhamos encontrado na essência dos sonhos seu objetivo central – a realização de desejos inconscientes - resta-nos uma pergunta fundamental: qual é a origem de tais desejos?

3 A CRIANÇA VIVE NO SONHO

Quando a análise do sonho da injeção de Irma nos levou a concluir que o sonho é uma realização de desejo, fomos de início cativados pelo interesse de saber se com isso tínhamos descoberto um caráter geral do sonho e silenciámos provisoriamente qualquer outra curiosidade científica que pudesse ter surgido em nós durante esse trabalho de interpretação. Agora que atingimos nossa meta seguindo um caminho, podemos retornar e escolher um novo ponto de partida para nossas incursões pelos problemas do sonho, embora percamos de vista por um momento o tema da realização de desejo, de modo algum inteiramente esgotado (FREUD, 1900, p.184).

Voltemos à nossa caminhada. Já que nos foi dada essa oportunidade – de escolher um novo ponto de partida – assim o faremos.

Lembremos da tese fundamental de Freud – *os sonhos são um processo dotado de sentido, capazes de serem introduzidos na trama dos fatos psíquicos*. Tentaremos avançar sobre a segunda parte dela, ou seja, a introdução do sonho na trama dos fatos psíquicos. O caminho que percorreremos a partir daqui enfrentará os problemas da relação entre o sonho e a vida de vigília, bem como a origem do material onírico. Em nosso horizonte está uma leitura sobre a interpretação do sonho que o transcende, em certa medida, para alcançarmos a interpretação do sonhador e sua maneira onipotente de experimentar e dar sentido às experiências. Mas não nos adiantemos muito, essa é apenas uma bússola para o leitor se orientar em nossos tortuosos caminhos. Precisamos antes escolher um ponto de partida.

Seguindo a tarefa de Freud de se aproximar do sonho plenamente interessado em analisar sua composição, as transformações, seus mecanismos e suas leis, partiremos da análise que ele fez da composição do sonho, especificamente, em relação ao material que compõe o *conteúdo* do sonho. Logo em seguida, faremos uma análise sobre a origem de sua *forma*.

Partiremos de uma particularidade da memória onírica percebida por outros autores citados por Freud (1900, p.185) no capítulo I do livro dos sonhos, mas que, segundo ele, não receberam explicação:

O sonho tem à sua disposição as nossas mais precoces memórias infantis e inclusive traz à tona particularidades desse período da vida que também nos parece triviais e que na vigília são consideradas esquecidas há muito tempo.

Notemos que tal particularidade da memória onírica se mostra privilegiada para a via de aproximação que escolhemos para analisar o sonho: *forma e conteúdo*. Ou seja, ao investigarmos os sonhos comumente encontramos em seu *conteúdo* memórias infantis precoces - seja em seu conteúdo manifesto ou conteúdo latente, seja nas associações provindas destes. Freud (1900, p.225), no capítulo V, oferece uma porção de sonhos que exemplificam tal situação:

[...] na interpretação de meus sonhos [...] ocorre, com a mesma frequência, que eu tope de maneira inesperada com uma cena infantil no conteúdo latente e que toda uma série de sonhos desemboque nas vias que partem de uma experiência infantil.

Por outro lado - e esse aspecto será central para desenvolvermos adiante - também encontramos nos sonhos, não apenas as memórias infantis precoces, mas *as particularidades desse período da vida*, ou seja, a *forma* singular do sonhador experimentar e atribuir sentido à experiência no momento do vivido com os recursos que dispunha para tal tarefa.

Seguiremos, nesse capítulo, uma análise nessa ordem - conteúdo e forma do sonho – através de nosso principal objeto: o sonho de Freud com seu tio Josef.

3.1 OS RESTOS DO DIA, E DA VIDA

Começemos pelo conteúdo do sonho e sua relação com as experiências diurnas.

O material que compõe o sonho pode ser representado por dois grandes grupos: as experiências do dia anterior e as recordações infantis.

Freud (1900, p.186), ao se referir ao primeiro grupo, diz:

Se agora consulto minha própria experiência no que respeita à origem dos elementos que surgem no conteúdo onírico, devo afirmar de início que em cada sonho se pode encontrar uma ligação com as experiências do *dia anterior*. Seja qual for o sonho que eu examine, próprio ou alheio, esse fato sempre se confirma. Tendo conhecimento disso, talvez possa começar a interpretação do sonho investigando qual foi a experiência diurna que o ocasionou; em muitos casos, esse é inclusive o caminho mais curto. Nos dois sonhos que submeti a uma análise metódica nos capítulos anteriores (o da injeção de Irma e o do meu tio de barba amarela), a relação com o dia anterior é tão evidente que não necessita de qualquer elucidação adicional.

Se para Freud, uma elucidação adicional entre o sonho com o tio da barba amarela e sua relação com o dia anterior não foi necessária, para nossa pesquisa ela se mostrou imprescindível. Faremos de tal elucidação uma oportunidade de reapresentação do sonho com o tio Josef, agora em mais detalhes.

Freud, antes mesmo de apresentar esse sonho, coloca uma “informação preliminar”. A forma como escreve - contextualizando as experiências preliminares - já indica sua maneira de pensar: o sonho que apresentará posteriormente está referido anacronicamente aos acontecimentos do dia anterior.

Na primavera de 1897, soube que dois professores de nossa universidade sugeriram minha nomeação para o cargo de professor adjunto. Essa notícia me surpreendeu e me causou viva alegria como expressão do reconhecimento da parte de dois homens eminentes que não podia ser explicado por relações pessoais. Disse-me de imediato, porém, que não devia associar nenhuma expectativa a esse fato. Nos últimos anos, o ministério tinha desconsiderado sugestões desse gênero, e vários colegas, mais velhos que eu e com pelo menos os mesmos méritos, aguardavam em vão por suas nomeações. Eu não tinha qualquer razão para supor que me sairia melhor. Portanto, decidi me consolar. Até onde sei, não sou ambicioso e desempenho minha atividade médica com êxito satisfatório mesmo que um título não me recomende. De resto, não se tratava de forma alguma de dizer que as uvas estavam verdes ou maduras, visto que indubitavelmente estavam fora do meu alcance.

Certa tarde recebi a visita de um colega e amigo, uma das pessoas cujo destino me servira de advertência. Há muito tempo candidato à promoção do cargo de professor, que em nossa sociedade elevava o médico à categoria de semideus para seus pacientes, e menos resignado que eu, ele costumava se apresentar de tempos em tempos nos escritórios do alto ministério para apressar sua causa. Ele vinha de uma dessas visitas. [...]. Na madrugada que se seguiu a essa visita, tive o seguinte sonho, que também era notável quanto à sua forma” (FREUD, 1900, p. 158).

Freud (1900, p.159), então, apresenta seu sonho:

I. ... meu amigo R. é meu tio. – Sinto grande ternura por ele.

II. Vejo o seu rosto um tanto modificado diante de mim. É como se tivesse sido esticado, e uma barba amarela que o cobre se destaca com especial nitidez.

Seguem-se então as duas outras partes, também um pensamento e uma imagem, que omito.

O leitor poderá ficar um pouco frustrado depois de ler essas longas passagens com o uso pouco detalhado que faremos delas, por hora. Mas ainda assim, se mostrou importante apresentarmos o texto de Freud, ao invés de resumi-lo, para que também pudéssemos demonstrar a fonte de nossa análise. Dito isso, não entraremos em detalhes sobre a interpretação de Freud de cada um dos elementos do sonho, nesse momento⁵. O próprio autor, ao apresentar esse sonho pela primeira vez, afirma que o sonho ainda lhe parece carecer de análise, mas que o comunicara pois ele cumpre com seus fins: demonstrar como o sonho utiliza do material do dia anterior em sua composição. A análise que faremos seguirá esse mesmo caminho.

Freud sonhara com seu tio da barba amarela e, por via da interpretação, num primeiro nível, encontra nessa imagem a representação condensada de seus dois colegas candidatos à nomeação pelo ministério: o amigo R, que fizera uma tentativa frustrada de apressar sua causa, e o amigo N., elemento que aparece em suas associações:

Mas aí está aquele rosto que vejo no sonho, com as feições alongadas e a barba amarela. O rosto de meu tio era de fato assim, alongado, coberto por uma bela barba loura. Meu amigo R. tinha cabelos bem pretos, mas quando pessoas de cabelos pretos começam a ficar grisalhas, pagam o preço pelo esplendor de seus anos de juventude. Um a um, os fios pretos da barba passam por uma desagradável mudança de cor; primeiro ganham um tom castanho-avermelhado, depois castanho-amarelado e só então ficam definitivamente grisalhos. É esse estágio que agora se encontra a barba de meu amigo R.; aliás, a minha também, como observo com descontentamento. O rosto que vejo no sonho é ao mesmo tempo o de meu amigo R. e o de meu tio. É como uma das fotografias mistas de Galton, que, para constatar semelhanças de família, fotografava vários rostos na mesma chapa. Portanto, não há qualquer dúvida de que realmente penso que meu amigo R. é um imbecil – tal como meu tio Josef⁶ (FREUD, 1900, p.160).

Essa maneira de encontrar os elos entre os elementos do sonho e as experiências do dia anterior descreve uma particularidade importante do trabalho do sonho, como afirma Mezan (1982, p.79):

⁵ Uma análise mais detalhada desse sonho se fará ao longo da dissertação “se o tempo e as forças o permitirem”, como diz Freud (1900, p.3).

⁶ Notemos que além da relação entre restos diurnos e sonho, Freud também descreve os mecanismos dos processos primários do trabalho do sonho. Primeiramente, sugerindo que o sonho substitui uma imagem pela outra, no caso, o amigo R pelo tio Josef, ou seja, o mecanismo de deslocamento. E, no segundo caso - ao mencionar as fotos de Galton – Freud descreve a capacidade do sonho de unir imagens e ideias em um único conjunto, ou seja, a condensação.

As experiências selecionadas pela memória onírica são normalmente de pequena importância, do tipo que é facilmente esquecido. Mas a interpretação descobre invariavelmente, sob estas experiências indiferentes, outras mais relevantes, às quais o elemento manifesto alude indiretamente.

Lembremos que a análise desse sonho foi muito custosa para Freud. Em um primeiro momento, ele se recusa a atribuir um sentido ao sonho e cogita nem mesmo se debruçar sobre ele. Foi com muito esforço, em um diálogo interno intenso, que Freud percebia a ação da defesa impedindo-o de fazer contato com o sonho e, ao mesmo tempo, fazia um grande esforço para não ceder à sedução defensiva. Seu conhecimento prévio o informava de que, justamente, as resistências de seus pacientes à interpretação de um material eram sinal de que eles possuíam um valor importantíssimo para a análise. Freud (1900, p.162) se debate para poder vencer suas próprias resistências. Dessa forma, chega à sua primeira interpretação do sonho:

O sonho apenas expressa meu desejo de que as coisas fossem assim [...] ele ganha forma com a utilização mais habilidosa de pontos de apoio factuais, mais ou menos como uma calúnia benfeita que ‘tem algum fundamento’, pois meu amigo R. tinha então contra si o voto de um professor especialista e meu amigo N. havia me fornecido de modo ingênuo, ele próprio, o material para denegri-lo. Contudo, repito, o sonho ainda necessita de explicações adicionais.

Resumamos essas ideias para podermos avançar.

Apesar de termos apresentado um conjunto de longas passagens sobre o sonho de Freud com seu tio da barba amarela, a ideia que queríamos apresentar é bastante simples: o conteúdo do sonho é composto por elementos das experiências do dia anterior, especialmente, aqueles que nos parecem mais triviais - os restos diurnos. O conteúdo manifesto, comumente, apresenta tais elementos que exigem a interpretação para que possamos alcançar seu valor simbólico de maior profundidade⁷. Ou seja, o trabalho do sonho age sobre os restos diurnos disfarçando-os e reorganizando-os através de seus processos de deslocamento e condensação, de maneira a permitir que tais conteúdos adentrem à consciência e, por via da interpretação, comuniquem seus

⁷ “[...] em geral a cena infantil é substituída no conteúdo onírico manifesto apenas por uma alusão e precisa ser desnovelada do sonho por meio da interpretação.” (Freud, 1900, p. 219).

sentidos mais profundos. No exemplo do sonho do tio com a barba amarela, o tio Josef representa deslocada e condensadamente os dois colegas de Freud - R. e N. – sendo que o primeiro o havia visitado no dia anterior ao sonho. Este, em toda a sua extensão, encontra um elo direto com a candidatura de Freud ao título de professor adjunto, notícia recebida na primavera de 1897. A interpretação de tais elementos revelaram a Freud seu desejo disfarçado de tornar-se professor adjunto. Ou seja, a resignação de Freud diante da impossibilidade da nomeação do ministério, durante o dia, transforma-se em realização de desejo durante a noite.

O material sobre o sonho com o tio Josef é muito mais rico do que podemos aprofundar nesse ponto. Mas tentando respeitar uma ordem e uma hierarquia na apresentação das ideias, por enquanto, todo o material apresentado apenas nos servirá para demonstrar as ligações entre os restos diurnos e a sua presença na formação do conteúdo do sonho.

Encerraremos esse assunto aqui, e não nos alongaremos mais. Talvez o leitor tenha a impressão de estarmos correndo na apresentação das ideias nesse momento e, se assim for, terá razão. Pedimos paciência, pois esse mesmo ritmo - resumido, acelerado e com a apresentação de longas citações - ainda se manterá pelas próximas páginas. Esperamos que de maneira secundária o leitor venha ganhando mais familiaridade com a experiência do sonho de Freud com seu tio Josef, isso nos ajudará muito no capítulo 4.

Passemos agora, para o segundo grande grupo que compõem o material do sonho: as recordações infantis. Sigamos a investigação de Freud das explicações adicionais ao sonho com o tio Josef. Elas, de fato, foram essenciais e, a partir desse ponto, complexificam suas descobertas sobre o sonho.

Dissemos que Freud, numa primeira interpretação, chega até o ponto no qual descobre que por trás desse sonho realizava seu desejo de tornar-se professor adjunto, título esse que elevava o médico à categoria de semideus para seus pacientes. Freud havia recebido a notícia de sua candidatura para tal nomeação fazia pouco e seu desejo de que ela se concretizasse era enorme. Porém, essa interpretação não o satisfiz, pois, esse desejo não lhe pareceu forte o suficiente para estimular a produção de um sonho⁸. A reaparição do sonho com o tio Josef se dá no capítulo V, no item *B – O infantil como*

⁸ Prestemos atenção no problema sobre a força do desejo necessária para a produção de um sonho. Esse problema será trabalhado adiante.

fonte do sonho. A partir daí, Freud começa uma análise que produzirá uma segunda interpretação; sua investigação avançou à procura por associações que o levassem para um desejo mais profundo e mais antigo, provindo de sua vida infantil:

[...] somos ensinados pela análise que o próprio desejo que estimulou o sonho, e cuja realização este mostra, provém da vida infantil [...] Neste ponto, prossigo a interpretação de um sonho do qual em outra ocasião já extraímos um outro aprendizado; refiro-me ao sonho em que meu amigo R. é meu tio. [...] Esse foi um sonho que eu próprio tive; por isso, posso prosseguir sua análise comunicando que a solução alcançada não me deixou satisfeito. Eu sabia que meu juízo sobre os colegas maltratados nos pensamentos oníricos era muito diferente na vigília; a força do desejo de não partilhar seus destinos quanto à nomeação me pareceu muito pequena para esclarecer inteiramente o contraste entre a avaliação de vigília e do sonho. Se minha necessidade de ser chamado por um outro título fosse tão forte, isso seria a prova de uma ambição doentia que não conheço em mim, que acredito longe de mim. Não sei como outras pessoas que acreditam me conhecer me julgariam neste ponto; talvez eu realmente tenha sido ambicioso; porém, se foi esse o caso, a ambição se voltou há muito tempo para objetos diferentes do título e da categoria de professor adjunto (FREUD, 1900, p.212).

Assim, Freud (1900, p.213) formula uma pergunta que se tornará o ponto de partida da investigação das recordações infantis que estão na origem do seu sonho: “*De onde, portanto, veio a ambição que o sonho me inspirou?*” (grifo nosso).

Paremos, apenas por um instante, para fazermos um breve comentário. A pergunta acima, da maneira como está formulada, equaciona nosso problema de pesquisa em um grau bastante preciso e que transcende à especificidade do sonho com o tio Josef para um nível mais universal sobre os sonhos: a origem do sonho parece encontrar-se numa experiência infantil de ambição. Esse comentário, pode parecer um pouco deslocado nesse momento, mas ele se tornou imprescindível, pois a partir daqui começou a se desenhar, em nossas mentes, um caminho que relaciona de maneira estreita a origem do sonho e a ambição infantil. Como poderemos observar mais adiante, essa intuição nos levará à descoberta da onipotência do pensamento. Dito isso, voltemos para a investigação de Freud.

A pergunta sobre a ambição que inspirou o sonho leva Freud (1900, p.213), em suas associações, para duas recordações infantis:

Recordo-me que ouvi contarem muitas vezes durante minha infância que, quando nasci, uma velha camponesa profetizou à minha mãe,

feliz com o seu primogênito, que ela havia presenteado ao mundo *um grande homem*. Tais profecias devem ser bastante frequentes; há muitas mães esperançosas e muitas velhas camponesas ou outras velhas cujo poder na Terra se foi e que por isso se voltaram para o futuro. Além do mais, a profetiza não teve nenhum prejuízo com isso. *Será que minha ânsia de grandeza proviria dessa fonte?* (grifo nosso).

Essa passagem já seria suficiente para localizarmos a presença de uma recordação infantil na origem do conteúdo do sonho com o tio Josef - a fonte da ânsia de grandeza de Freud está no esperançoso desejo de sua mãe de ter presenteado ao mundo um grande homem. Mas guardaremos uma análise mais profunda sobre esse assunto para mais tarde, por enquanto, o mais importante é demonstrarmos apenas e, de maneira geral, a presença de recordações infantis no conteúdo do sonho. Sendo assim, essa primeira recordação apenas serviu para levar as associações de Freud (1900, p.213) para uma segunda recordação:

Lembro-me, porém, de outra impressão dos últimos anos da infância que seria ainda mais apropriada para a explicação: certo dia à tardinha, num dos restaurantes do Prater ao qual os pais costumavam levar o garoto de onze ou doze anos, chamou nossa atenção um homem que passava de mesa em mesa e, por um pequeno honorário, improvisava versos sobre algum tema que lhe fosse proposto. Mandaram-me chamar o poeta à nossa mesa e ele se mostrou grato ao mensageiro. Antes de perguntar pela sua tarefa ele deixou cair algumas rimas sobre mim e, em sua inspiração, declarou que era provável que um dia ainda me tornasse 'ministro'. Ainda posso me lembrar muito bem da impressão que essa segunda profecia causou. Era a época do Ministério Civil, e pouco antes meu pai tinha trazido para casa os retratos dos doutores civis Herbst, Giskra, Unger, Berger, entre outros, que foram iluminados em honra a esses senhores. Havia inclusive judeus entre eles; assim, todo garoto judeu aplicado levava a pasta ministerial na sua pasta escolar. O fato de até pouco antes das inscrições na universidade eu quisesse estudar direito, e só no último instante mudasse de opinião, deve, inclusive, estar relacionado com as impressões dessa época. E a carreira ministerial, decididamente, está vedada ao médico. Mas vamos ao meu sonho!

Sim, Sr. Freud, vamos ao seu sonho, pois a empolgação com que terminastes essa passagem parece sinal de que a interpretação profunda que tanto esperavas apareceu. Mas antes, precisamos voltar à ideia que gostaríamos de demonstrar com tais passagens.

Ao lermos esses longos trechos do texto freudiano, podemos acompanhar, como se fosse em tempo real, Freud processando sua autoanálise. Sentimos, quando nos aproximamos detalhadamente do texto da *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud pensando em voz alta. Nesse sentido, o sonho com o tio da barba amarela nos fornece essa oportunidade de acompanhar o pensamento de Freud e suas elaborações ponto a ponto.

Retomemos tais elaborações.

Na primeira aparição desse sonho, Freud está tratando do tema da distorção onírica por via do trabalho do sonho, como apresentamos anteriormente. Para tanto, Freud escreve uma “nota preliminar”, contextualizando as experiências do dia anterior e que se tornaram necessárias para que o leitor pudesse fazer as ligações entre os elementos que compunham o sonho e sua origem no dia anterior. Nesse primeiro momento, Freud chega até o ponto de sua interpretação de que o sonho realizava disfarçadamente seu desejo de tornar-se professor adjunto, desejo este despertado por sua nomeação e resignado pelas baixas possibilidades de concretização, a exemplo de seus colegas. Até esse momento, apesar de frustrado e desconfiado de sua interpretação, Freud se contenta com o uso que fizera do sonho, pois lhe servira para ilustrar as teorias que vinha descobrindo – a distorção onírica, a realização do desejo e a presença dos restos diurnos no conteúdo do sonho.

Mas como sabemos, Freud não parou por aí – nem ele, nem a necessidade de elaboração que a experiência contida no sonho com o tio da barba amarela despertara. Dessa forma, uma segunda análise desse sonho reaparece mais adiante no livro dos sonhos, mas agora num ponto da investigação no qual a origem do sonho no passado – seja ele recente ou longínquo – estão em evidência. As passagens que escolhemos para apresentar fazem referência direta a esse momento da pesquisa da interpretação dos sonhos, no qual uma particularidade do sonho chama especial atenção: o sonho tem à sua disposição as nossas mais precoces memórias infantis. É seguindo essa ideia que Freud passa então a se debruçar sobre os sentidos mais profundos de seu sonho com o tio Josef e encontra em suas associações essas duas lembranças infantis – uma na origem de sua vida, outra no final de sua infância.

Mas ainda assim, havíamos dito que Freud com isso queria demonstrar a relação existente entre o passado recente e o passado longínquo. Como ela se dá? Vejamos o que Freud (1900, p.214) conclui sobre seu sonho com o tio Josef para responder a essa questão:

Só agora percebo que ele [sonho] me leva do presente sombrio à época esperançosa do Ministério Civil e cumpre meu desejo *daquela época* na medida de suas forças. Ao tratar os dois eruditos e respeitáveis colegas tão mal por serem judeus, um deles como se fosse imbecil, o outro como se fosse criminoso – ao proceder assim, comporto-me como se eu fosse ministro, coloco-me na posição do ministro. Que vingança radical contra Sua Excelência! Ele se nega a me nomear professor adjunto e em compensação me coloco em seu lugar no sonho.

De fato, essa segunda interpretação do sonho ganhou uma dimensão mais profunda, justamente, por Freud localizar a força do motivo do sonho em um desejo muito mais longínquo: seu desejo infantil de tornar-se ministro. Ou seja, ao sonhar Freud não apenas triunfa sobre seus dois colegas para tornar-se professor adjunto, mas também sobre o próprio ministério que havia lhe enviado a candidatura para tal nomeação, tornando-se assim ministro – como profetizara o poeta, ao final de sua infância. Esse sim, lhe parece um desejo forte e antigo o suficiente para produzir um sonho.

Podemos, agora, traçar a relação dos dois grupos que representam a origem do material onírico - as experiências do dia anterior e as recordações infantis: o trabalho do sonho opera de maneira a utilizar dos elementos das experiências do dia anterior para tornar recentes as recordações infantis, ou seja, “[...] o desejo que estimulou o sonho, embora sendo atual, recebe um poderoso reforço de lembranças infantis profundamente arraigadas” (FREUD, 1900, p. 214).

Freud (1900, p.212), ao analisar seu sonho que o leva “do presente sombrio à época esperançosa do Ministério Civil” conclui sua interpretação com mais uma afirmação que equaciona de maneira brilhante nosso problema de pesquisa: “[...] para nossa surpresa *descobrimos que a criança, com seus impulsos [Impulse], continua vivendo nos sonhos.*”

Com isso, resta-nos ainda muitas perguntas: como o sonho nos permite ter acesso a tais memórias infantis? Tornar “um presente sombrio em um passado esperançoso” pode nos revelar algo mais sobre a presença das recordações infantis no sonho? Recordações infantis e “criança com seus impulsos” se referem à mesma coisa?

Avancemos sobre a análise da forma do sonhar, ela nos trará mais elementos para pensarmos essas perguntas.

3.2 A CRIANÇA VIVA: MATRIZ DO SONHO

[...] Duas das peculiaridades da memória onírica], o destaque dado ao recente e ao infantil, puderam ser confirmadas, mas não pudemos derivá-las dos motivos do sonhar. Queremos manter na memória essas duas características, cuja explicação ou utilização ainda precisamos fazer; elas terão de ser incluídas em outro lugar, seja na psicologia do estado do sono, seja naquelas ponderações acerca da estrutura do aparelho psíquico que faremos posteriormente, quando tivermos observado que por meio da interpretação dos sonhos podemos lançar um olhar ao seu interior como por uma janela (FREUD, 1900, p.240).

A partir desse ponto, começaremos uma análise que contemple os aspectos formais do sonho. Para tanto, é necessário explicitarmos que algumas das perguntas que encerraram o item anterior são de natureza retórica, ou seja, entendemos que a criança com seus impulsos, viva no sonho, é uma dimensão que transcende o sonho apenas como a via de acesso a memórias infantis tornadas recentes. Buscaremos explicitar que o passado em psicanálise não pode ser compreendido apenas por um viés arqueológico que busca nas ruínas da história do sujeito uma correspondência à estrutura do psiquismo. O passado, ou a criança, como já enunciou Freud, é uma presença viva que produz os seus efeitos não apenas a partir de suas memórias, mas pela própria maneira de memorizar uma experiência, ou seja, pela forma particular de atribuir sentido psicológico ao vivido. Dessa forma, tentaremos abordar a memória dentro de toda a complexidade do que chamamos de *infantil* em psicanálise.

Lancemos um olhar sobre o interior do aparelho psíquico, como por uma janela. Freud, na passagem que citamos acima, sugere duas vias para compreendermos a derivação das duas peculiaridades da memória onírica (o recente e o infantil) dos motivos do sonhar: a psicologia do estado do sono e as ponderações acerca da estrutura do aparelho psíquico.

Seguiremos a segunda via, uma vez que a psicologia do estado do sono será melhor desenvolvida por Freud (1917[1915]) em um artigo posterior: Suplemento à metapsicologia dos sonhos. Portanto, estamos agora, às voltas das teorias da estrutura do aparelho psíquico, ou seja, a metapsicologia presente na Interpretação dos sonhos, Freud (1900). Estamos, com isso, na mesma investigação que enunciamos no início dessa pesquisa: a que mundo somos transportados, do ponto de vista freudiano, quando sonhamos?

Até aqui, os elementos que reunimos nos levam à descrição de um mundo repleto de memórias infantis, inacessíveis à consciência no estado de vigília e que, por via do trabalho do sonho, são tornadas recentes e acessíveis, desde que interpretadas. Porém, o problema da memória infantil, ainda que agora possamos ter acesso a ela, se complexifica na investigação dos sonhos:

A própria interpretação não mostra se aquilo que é figurado no sonho são fantasias e não lembranças de acontecimentos factuais; ela nos fornece apenas um conteúdo de pensamentos e deixa por nossa conta determinar o valor de realidade de tal conteúdo (FREUD, 1900, p. 311).

Portanto, como nos orienta Freud, ainda que possamos descrever esse mundo, ainda nos resta derivá-lo do motivo do sonhar. Sendo assim, torna-se necessário fazermos uma virada em nossa investigação: do sonho ao sonhar em busca da estrutura do aparelho psíquico do sonhador. Talvez por essa via, nem nos seja necessária tal discriminação entre fantasia e acontecimentos factuais. Como apontamos anteriormente, precisamos ir em direção aos motivos do sonhar que abordem a complexidade desses dois aspectos da vida psíquica: a memória e os processos de memorização, ou nas palavras de Freud, as memórias infantis e as particularidades desse período da vida. Vejamos ...

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), no qual Freud chegará a seu modelo do aparelho psíquico, o autor inaugura sua escrita com a apresentação e análise do famoso sonho da criança em chamas - um pai, no velório de seu filho, sonhara com a criança viva, em chamas, sussurrando em seu ouvido. Nesse momento, a análise que Freud faz sobre o sonho serve-lhe para defender-se de certas objeções à sua teoria do sonho enquanto uma realização (disfarçada) de desejo. Nosso intuito com o resgate de tal passagem não pretende entrar em tal seara mas, seguindo nossa interpretação do texto freudiano, extrapolaremos a particularidade de tal sonho e das ideias que Freud defende, para propormos uma outra interpretação - não ao sonho, mas à escolha de Freud de tal sonho - que nos é oportuna: a criança viva no sonho está no centro da problemática da estrutura do aparelho psíquico.

Voltemo-nos para uma passagem do texto para iniciar nossa investigação:

Agora que nos defendemos das objeções, ou pelo menos indicamos onde descansam nossas armas de defesa, não podemos mais adiar a

abordagem das investigações psicológicas para as quais há muito tempo nos preparamos [...] cabe incluir o sonho no encadeamento da vida psíquica (FREUD, 1900, p. 561).

A primeira reflexão que Freud (1900, p.562) começará a traçar parte ainda do sonho da criança em chamas, mas ganha uma dimensão geral sobre os sonhos:

Mas essa é uma característica psicológica mais geral e chamativa do sonho; um pensamento, em geral o pensamento desejado, é objetivado no sonho, figurado como cena ou, segundo achamos, vivenciado.

Como devemos explicar essa peculiaridade característica do trabalho do sonho ou – para nos expressarmos em termos mais modestos – como devemos encaixá-la no encadeamento dos processos psíquicos?

Duas características desse mesmo sonho chamam a atenção de Freud (1900, p.562) e lhe exigem explicação: “Uma delas é a figuração sob a forma de situação presente, com omissão do ‘talvez’; a outra, a transposição do pensamento em imagens visuais e em fala.”

Freud não se detém por muito tempo na primeira peculiaridade, mas dá a ela uma explicação que aproxima sonho, fantasia consciente e sonho diurno ou devaneio, e que nos parece importante pois começa a tratar do tema que nos interessa: a temporalidade no psiquismo.

Não nos deteremos por muito tempo nessa primeira peculiaridade do sonho. Nós a resolvemos pela referência à fantasia consciente, ao sonho diurno, que procede exatamente da mesma forma com o seu conteúdo de representações. Quando o senhor Jouyeuse, de Daudet, vagueia desempregado pelas ruas de Paris, enquanto suas filhas acreditam que ele tem um emprego e está sentado em seu escritório, ele sonha igualmente no presente com os acontecimentos que devem ajudá-lo a obter proteção e um emprego. Portanto, o sonho usa o presente da mesma maneira e com os mesmos direitos que o sonho diurno. *O presente é o tempo em que o desejo é figurado como realizado* (FREUD, 1900, p.562, grifo nosso).

Ou seja, é a temporalidade que aproxima fantasia, sonho e devaneio: quando sonhamos, fantasiamos e devaneamos experimentamos o tempo enquanto uma situação presente. Ainda que a fantasia e o devaneio se façam comumente sobre projeções futuras, e o sonho, sobre memórias do passado, todos esses fenômenos são figurados e vivenciados por nós enquanto um tempo presente. O que Freud descreve aqui é a

fenomenologia do sonhar enquanto experiência do sonhador, ou seja, quando sonhamos não temos a distância que coloque o passado em perspectiva, como um tempo passado. O passado no sonho se representa enquanto um hoje, somos transportados para um acontecimento ou fantasia de nossa história, como se passássemos por uma máquina do tempo, vivendo tais experiências em tempo real. O mesmo ocorre com o tempo futuro das fantasias e do devaneio.

Paremos por um instante para processarmos os elementos apresentados até aqui. Com isso pretendemos construir apenas uma síntese para que possamos seguir de maneira mais organizada.

De saída, apontamos que um dos problemas que Freud precisa enfrentar sobre a memória infantil, e que o sonho nos permite acesso por via da interpretação, é seu estatuto de realidade. Ou seja, a interpretação não é capaz de nos informar se o conteúdo do pensamento figurado no sonho se trata de uma lembrança infantil - enquanto acontecimento factual - ou de uma fantasia⁹. Dissemos, logo em seguida, que talvez essa não fosse uma discriminação necessária e, de fato, ela não se fará necessária para nós se aceitarmos sua dimensão paradoxal, sem que com isso, tentemos resolvê-la. Talvez, o mais importante a salientarmos seja, justamente, como Freud por via do sonho, tenta resolver um problema antigo que surgira em seus estudos sobre a histeria – o estatuto do trauma e da fantasia - e, mais uma vez, o problema reaparece, agora em outro lugar. Essa pedra no sapato de Freud, parece exigi-lo, cada vez mais, uma saída complexa, mas não nos deteremos nisso. O mais importante é que nesse momento, Freud faz uma aproximação entre sonho, fantasia e devaneio pelo atravessamento da dimensão experiencial de sua temporalidade. Ou seja, tanto no sonho, quanto na fantasia e no devaneio: “*O presente é o tempo em que o desejo é figurado como realizado*”, disse Freud (1900, p.563). Em outras palavras, ao sonhar, fantasiar e devanear somos transportados para um mundo no qual o desejo realiza-se imediatamente, como na brincadeira do gênio da lâmpada: “seu desejo é uma ordem!”.

Sigamos para a segunda peculiaridade do sonho da criança em chamadas – a transposição do pensamento em imagens visuais e fala:

Porém, a segunda característica peculiar é apenas ao sonho e o diferencia do sonho diurno; consiste em que o conteúdo de

⁹ Essa problemática segue na mesma linha das descobertas sobre a histeria e o estatuto de realidade do trauma e, de certa forma, segue parcialmente resolvida como apresentada na carta 69 a Fliess.

representações não é pensado, e sim transformado em imagens sensoriais, nas quais então acreditamos e que julgamos experimentar (FREUD, 1900, p. 563).

Apesar de Freud afirmar que essa sim é uma peculiaridade exclusiva do sonho, ao seguir sua escrita, ele se contradiz e volta atrás:

Acrescentemos de imediato que nem todos os sonhos mostram a transformação de representações em imagem sensorial; há sonhos que consistem apenas de pensamentos, aos quais nem por isso negaremos sua natureza de sonhos. [...]. Além disso, lembremos aqui que tal transformação de representações em imagens sensoriais não é própria apenas do sonho, mas igualmente das alucinações e das visões, que podem aparecer de maneira independente na saúde ou como sintomas de psiconeuroses. Em suma, a relação que aqui investigamos não é exclusiva em nenhum sentido; permanece o fato, porém, de que essa característica do sonho, quando surge, nos parece a mais notável, de modo que não poderíamos pensar a vida onírica sem ela. Sua compreensão, porém, exige discussões de grande alcance (FREUD, 1900, p. 563).

Portanto, o que podemos depreender de tais afirmações, antes de avançarmos sobre uma maior compreensão do aparelho psíquico?

Se afirmamos anteriormente que ao sonhar, fantasiar e devanear somos transportados para um mundo no qual o desejo realiza-se imediatamente; agora, somos levados a somarmos essa afirmação à segunda peculiaridade do sonho. Esta, refere-se à capacidade do trabalho do sonho de transformar um conteúdo de representações em uma experiência perceptiva-sensorial e não em um pensamento. Ou seja, os processos de transformação de um pensamento em imagem. Como podemos notar, estamos adentrando um campo muito mais amplo que o sonho, pois inclui fenômenos psíquicos na saúde e na doença. Ainda que, para Freud, há uma perda na especificidade do sonhar, temos um ganho enorme se pudermos pensar que as descobertas do sonho começam a sair de sua circunscrição da noite, para ganhar uma dimensão mais geral sobre a compreensão da estrutura do aparelho psíquico. Podemos, portanto, acompanhar a inclusão do sonho na cadeia da vida psíquica.

Mas como nos lembra Freud, ainda nos falta derivar todos esses fenômenos dos motivos do sonhar. Aguardemos, pois lá pretendemos chegar. Antes disso, vale retomarmos nossa primeira tentativa de resposta para o mundo, do ponto de vista freudiano, a que somos transportados quando sonhamos. Na verdade, a partir daqui, precisamos atualizar nossa pergunta: se até aqui, nossa investigação estava circunscrita

ao mundo onírico, agora ela precisa abarcar outros fenômenos: fantasiar, devanear, recordar e alucinar, “que podem aparecer de maneira independente na saúde ou como sintomas de psicose” (FREUD, 1900, p.563). Porém, apesar desse mundo abarcar essa gama de fenômenos, sua principal característica diz respeito a um lugar no qual as representações transformam-se em imagens sensoriais, nas quais vivenciamos a imediata realização do desejo. Nesse sentido, quando adentramos esse mundo, não nos pode ser perguntado se se trata de um acontecimento factual ou uma fantasia, pois lá, um pensamento é figurado como cena, na qual vivenciamos/ experimentamos o passado enquanto uma realidade sensorial presente.

Se pudemos ter sido claros até aqui, e se nossa tentativa se realizara - explicitando os caminhos pelos quais nosso pensamento foi percorrendo durante a leitura do texto freudiano -, o leitor poderá perceber que adentramos ao mundo que gostaríamos de descrever: o mundo da realização mágica e imediata dos desejos e necessidades, a onipotência do pensamento.

Podemos, a partir desse ponto, chamar de onipotência do pensamento a capacidade do aparelho psíquico de recriar um mundo no qual um pensamento é vivido enquanto uma realidade perceptiva – alucinatória - em função de uma realização imediata do desejo. Sendo assim, a onipotência do pensamento pode estar presente nos fenômenos da saúde e da doença, como no sonhar, fantasiar, devanear e recordar.

Voltemos alguns passos atrás, pois nossa empolgação nos fez pular algumas etapas.

Havíamos dito, no início desse item, que faríamos uma análise que contemplasse os aspectos formais do sonho e, sugerimos com isso que demonstraríamos uma leitura que ampliasse uma noção arqueológica do psiquismo a partir de uma abordagem mais complexa do que chamamos “a presença viva da criança no sonho” ou infantil. Voltemos a esse ponto.

Quando formulamos a pergunta “a que mundo somos transportados quando sonhamos?” não havíamos premeditado que perguntar-se sobre um mundo nos levaria a investigação de um *lugar*. Ainda que essa escolha não se tenha feito de maneira intencional, ela se mostrou oportuna.

Após apresentar a descrição das duas peculiaridades do sonho da criança em chamas, Freud avançou sobre o que chamou de “discussões de grande alcance” para a compreensão de tais peculiaridades. Para tanto, retomou uma teoria do sonhar de Fechner, expressa em sua *Psicofísica* (1889) e que, segundo Freud, merece ser

desenvolvida: “a hipótese de que *a cena dos sonhos é distinta daquela da vida representacional de vigília*” (FREUD, 1900, p.564).

Para avançar sobre essa teoria, Freud apresenta seu famoso modelo do aparelho psíquico, que culminará na primeira tópica freudiana. Nesse sentido, a escolha por um lugar, na nossa investigação, se tornou oportuna:

A ideia assim colocada à nossa disposição é a de um *lugar psíquico*. Queremos deixar inteiramente de lado que o aparelho psíquico de que aqui se trata também nos é conhecido sob a forma de preparado anatômico, e queremos evitar com cuidado a tentação de determinar o lugar psíquico anatomicamente. Permanecemos em terreno psicológico, lembrando-nos apenas de seguir a sugestão de imaginar o instrumento que serve às produções psíquicas mais ou menos como um microscópio composto, uma máquina fotográfica etc. O lugar psíquico corresponde então a um lugar no interior de um aparelho em que se forma um dos estágios prévios da imagem. No caso do microscópio e do telescópio, como se sabe, tais lugares são em parte lugares ideais, regiões em que não há nenhum componente palpável do aparelho [...]. Penso que podemos dar livre curso às nossas conjecturas desde que conservemos a frieza de nosso juízo, não confundindo os andaimes com o edifício. Visto que para a primeira aproximação de algo desconhecido não precisamos de outra coisa a não ser representações auxiliares, daremos preferência, de início, às hipóteses mais toscas e mais palpáveis (FREUD, 1900, p.564).

Ainda que tenhamos escolhido não entrar em detalhes sobre esse modelo de *lugares psíquicos*, apresentaremos algumas das suas características essenciais para que possamos chegar ao ponto que queremos: a regressão.

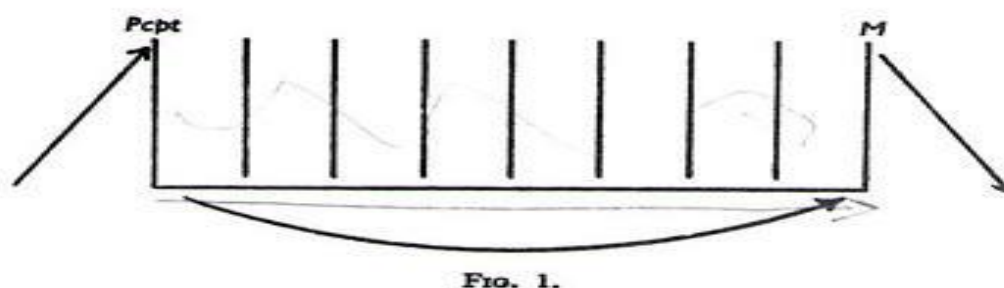
Freud conceberá o aparelho psíquico a partir do modelo de um *instrumento composto*, cujos componentes chamará de *instâncias* ou *sistemas*. Tais sistemas encontram-se orientados espacialmente numa sequência, “mais ou menos como os diferentes sistemas de lentes do telescópio se encontram arranjos sucessivamente”, afirmou Freud (1900, p.565). Porém, em seguida a essa afirmação, Freud repensa se é necessário mesmo conceber uma dimensão espacial e, na verdade, descarta a hipótese de que essa seja a melhor maneira para descrever a organização do aparelho psíquico. Assim, Freud nos diz:

No fundo, não precisamos fazer a suposição de um arranjo realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta-nos que a hipótese estabeleça uma sequência fixa – que durante certos processos psíquicos os sistemas sejam percorridos pela excitação numa sequência *temporal* determinada (FREUD, 1900, p.565).

Ou seja, a dimensão fundamental do aparelho psíquico passa a ser a temporalidade que determina a sequência fixa pela qual os sistemas serão percorridos durante certos processos psíquicos. Tais sistemas ganharão um nome: ‘sistemas Ψ ’ e, uma característica desse instrumento composto chamara especial atenção de Freud:

A primeira coisa que chama nossa atenção é que esse aparelho composto de sistemas Ψ tem uma direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Assim atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma motora; na extremidade sensível há um sistema que recebe as percepções e na extremidade motora há outro que abre as comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva à extremidade motora. O esquema mais geral do aparelho psíquico teria, portanto, o seguinte aspecto (Fig. 1):

Figura 1 – Aparelho psíquico



FONTE: Freud (1900, p.565).

Nos contentaremos com essa característica fundamental do aparelho psíquico: sua direção. O leitor terá que nos desculpar por fazermos um recorte tão sucinto de tamanha complexidade que esse modelo nos oferece. Sabemos que o salto que daremos representa uma perda significativa de compreensão sobre a metapsicologia dos sonhos. Mas para nossos fins, essas explicações nos tomariam muito tempo, e talvez nos perderíamos no detalhamento de tais ideias. Ficaremos apenas com essa dimensão temporal, orientada em uma direção: da extremidade perceptiva à extremidade motora do aparelho psíquico, ou, como Freud definirá a diante, do inconsciente à vigília.

E por que escolhemos apenas essa passagem? Antes mesmo de respondermos essa pergunta, somemos a ela uma outra questão levantada no final do item 3.1: como o sonho nos permite ter acesso a memórias infantis?

Voltemos ao sonho e à compreensão sobre seus processos a partir do modelo de aparelho psíquico que Freud apresentara:

Não podemos descrever de outro modo o que acontece no sonho alucinatório a não ser dizendo o seguinte: a excitação toma um caminho *retrógrado*. Em vez de se propagar no sentido da extremidade motora do aparelho, ela se propaga no sentido da extremidade sensível e por fim alcança o sistema das percepções. Se chamarmos de *progressiva* a direção segundo a qual o processo psíquico, partindo do inconsciente, continua na vigília, então podemos afirmar sobre o sonho que ele tem caráter regressivo (FREUD, 1900, p.570).

Portanto, o processo regressivo no sonho ou, a regressão de um estímulo no sentido da extremidade sensível, nos permite nomear a transformação de um pensamento em imagem:

Eis o que chamamos de regressão: quando, no sonho, a representação volta a se transformar na imagem sensorial da qual certa vez resultou. Porém, mesmo esse passo exige justificação. Para que dar um nome se isso não nos ensina nada de novo? Bem, penso que o nome 'regressão' nos serve na medida em que relaciona esse fato que conhecemos com o esquema do aparelho psíquico dotado de uma direção. Neste ponto, vemos pela primeira vez que valeu a pena estabelecer um esquema desses. Pois outra peculiaridade da formação dos sonhos se tornará compreensível para nós apenas com a ajuda do esquema, sem nova reflexão. Se encararmos o processo onírico como uma regressão no interior do aparelho psíquico que supomos, então se explica sem dificuldades o fato constatado empiricamente de que todas as relações de pensamento dos pensamentos oníricos se perdem por ocasião do trabalho do sonho ou apenas encontram expressão custosa [...] *Na regressão, o encadeamento dos pensamentos oníricos é reduzido à sua matéria-prima* (FREUD, 1900, p. 571).

Dessa forma, nessa passagem, encontramos a justificativa para nossa escolha em ressaltar a *direção* como a característica fundamental do aparelho psíquico. Nesse sentido, ela nos permite nomear a regressão de um estímulo, no interior do aparelho psíquico, até sua transformação em imagem. Notemos que Freud nos informa ainda mais sobre as condições para que tal processo ocorra exitosamente: o trabalho do sonho opera de maneira que os elos dos pensamentos se percam, explicando, assim, o fato de

encontrarmos pensamentos oníricos contraditórios, ligações bizarras entre os elementos e, de maneira geral, explicando o caráter enigmático, fragmentado e aparentemente sem sentido do sonho. O encadeamento dos pensamentos oníricos é reduzido à sua matéria-prima.

Podemos também, pela regressão, explicar a pergunta que nos fizemos de como o sonho nos permite ter acesso a memórias infantis. A via regressiva dentro do aparelho psíquico, durante o sonho, permite-nos voltarmos temporalmente em nossas memórias, tornando-as recentes e acessíveis ao trabalho do sonho:

[...] o sonho também poderia ser descrito *como o substituto da cena infantil, modificado pela transferência para algo recente*. A cena não é capaz de impor a sua renovação; ela precisa se contentar com o retorno sob a forma de sonho (FREUD, 1900, p. 574).

Chamemos atenção para uma implicação importante de tais afirmações. Se até aqui, estávamos em busca das recordações infantis presentes no conteúdo do sonho, nesse momento, Freud passa a descrever a natureza do pensamento onírico em sua *forma* reduzida enquanto matéria-prima, ou como substituto da cena infantil. Ou seja, estamos nos aproximando das origens do pensar, em seus aspectos formais, e não apenas dos fatos acontecidos e registrados na memória. Aguardemos, pois esse comentário nos exige explicações.

Lembremos que Freud (1900, p.576) afirmara que a regressão não é um processo exclusivo do sonho, ele desempenha um papel fundamental na teoria da formação dos sintomas neuróticos. Portanto, é necessário que façamos uma explicação mais detalhada sobre tal processo:

Distinguimos assim três tipos de regressão: *a) uma regressão tópica*, no sentido do esquema aqui desenvolvido dos sistemas Ψ , *b) uma regressão temporal*, na medida em que se trata de um recorrer a formações psíquicas mais antigas e *c) uma regressão formal*, quando modos de expressão e de figuração primitivos substituem os habituais. Porém, os três tipos de regressão são no fundo um só e coincidem na maioria dos casos, *pois o mais antigo em termos temporais é ao mesmo tempo primitivo sob o aspecto formal e mais próximo da extremidade perceptiva na tópica psíquica*. [1914] (grifo nosso).

Chegamos assim, através das palavras de Freud, que não exigem maiores explicações, na virada da análise do sonho ao sonhar, até alcançarmos a maneira de

pensar mais arcaica do sonhador. Podemos a partir daqui voltar à nossa pergunta fundamental: a que mundo somos transportados quando sonhamos? E encontrar, na citação de Freud (1900, p.577) que seguirá, a mais precisa descrição do *lugar psíquico* que tanto investigamos:

O sonhar é em seu todo uma regressão às condições mais remotas do sonhador, uma revivificação de sua infância, das moções de impulso [Triebregungen] dominantes nela e dos modos de expressão nela disponíveis. Por trás dessa infância individual nos é prometido um acesso à infância filogenética, ao desenvolvimento do gênero humano, do qual o do indivíduo é de fato uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida. Suspeitamos do quanto acertadas são as palavras de Nietzsche quando afirma que no sonho ‘continua em ação um antiquíssimo fragmento da humanidade ao qual dificilmente ainda podemos chegar por via direta’, e somos levados a esperar que por meio da análise dos sonhos cheguemos a conhecer a herança arcaica do homem, aquilo que nele é psicologicamente inato. Parece que o sonho e a neurose conservam mais antiguidades psíquicas do que fomos capazes de suportar, de modo que a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e mais obscuras dos primórdios da humanidade. [1919].

Portanto, passemos para nossas considerações finais.

O passado em psicanálise é um lugar psíquico, uma forma especial de pensar, ou seja, voltamos no tempo e adentramos um lugar no qual o tempo é apenas o tempo presente. As demandas precisam encontrar formas mágicas de serem atendidas imediatamente: “[...] o que se promete, tem que ser cumprido [...] Toda a megalomania da criança está contida nessa promessa” (FREUD, 1900, p. 237). Tudo o que se colocar entre a necessidade, o desejo e a realização será apagado, ou driblado, ou até mesmo incorporado. A realização imediata é a ordem.

Seja um acontecimento ou uma fantasia a transformar-se numa imagem, dentro do aparelho psíquico, ambos são vivenciados enquanto uma realidade. Nesse sentido, a distinção entre realidade e fantasia na experiência de origem do sonho perde sua importância. Os efeitos dessa realidade no existir do sujeito independem de tal distinção. Tratamos aqui da realidade psíquica, ou seja, a realidade como foi experimentada e inscrita no psiquismo.

Quando sonhamos somos transportados, por via da regressão, para o mundo da criança. Essa, com sua maneira particular de perceber e atribuir sentido à experiência, sua forma de interpretar o mundo é o sonhador por trás de todos os sonhos, é ela a

matriz do sonho. Dessa forma, podemos concluir que quando interpretamos um sonho, encontramos a maneira como uma criança interpreta o mundo.

O sonho, assim, passa a ser uma janela pela qual podemos ver o modo de funcionamento mais primitivo do aparelho psíquico, assim como Freud também afirmara logo após ter encontrado o sentido último de seu sonho com o tio Josef: “para nossa surpresa *descobrimos que a criança, com seus impulsos [Impulse], continua vivendo nos sonhos*” (FREUD, 1900, p. 212).

Feitas essas considerações, ainda nos resta desenvolvermos tais ideias, depreendendo a maneira onipotente da criança experimentar o mundo dos motivos do sonhar. Precisaremos voltar mais uma vez à questão da realização do desejo e à sua origem para respondermos tal pergunta.

3.3 O DESEJO IMORTAL DA CRIANÇA

As formas mais simples de sonho podem ser encontradas nas crianças, cujas produções psíquicas certamente são menos complexas que as dos adultos. Na minha opinião, a psicologia infantil está destinada a prestar `a psicologia dos adultos serviços semelhantes àqueles que a investigação da estrutura ou do desenvolvimento dos animais inferiores presta à pesquisa da estrutura das classes de animais superiores. Até agora, foram dados poucos passos consequentes para utilizar a psicologia infantil com esse objetivo (FREUD, 1900, p.148).

Depois de percorrermos esse regressivo caminho dentro do aparelho psíquico que o sonho nos permitiu e, encontrarmos, em sua mais íntima essência, a maneira da criança interpretar o mundo, chegamos, finalmente, ao lugar psíquico que buscávamos: a onipotência do pensamento. Mas ainda precisamos descrever de maneira mais simples essa maneira de pensar e derivá-la dos motivos do sonhar. Dessa forma, pretendemos incluir o sonhar na cadeia de fatos psíquicos da vigília, ou seja, utilizar da psicologia infantil com o objetivo de esclarecer os mais complexos fenômenos psíquicos da vida mental humana. Como afirmou Freud (1900, p.577):

Parece que o sonho e a neurose conservam mais antiguidades psíquicas do que fomos capazes de supor, de modo que a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e mais obscuras dos primórdios da humanidade. [1919].

Voltemos a um exemplo simpático da análise que Freud faz de um sonho da sua filha Anna, para nos aproximarmos das formas mais simples de sonhar - e pensar:

Minha filha caçula, então com dezenove meses de idade, vomitara certa manhã e por isso fora mantida em jejum durante o resto do dia. Na noite que se seguiu a esse dia de fome, nós a ouvimos gritar excitada enquanto dormia: ‘Anna Feud, molango, molango silveste, ovo mexido, mingau’. Naquela época ela usava o próprio nome para expressar posse; o cardápio incluía tudo que lhe devia parecer desejável; o fato de nele aparecerem duas variedades de morangos era um protesto contra a polícia sanitária doméstica e tinha o seu motivo na circunstância acessória, que ela bem observara, de que a babá tinha atribuído sua indisposição ao consumo excessivo de morangos; ela se vingou no sonho, portanto, contra esse parecer incômodo (FREUD, 1900, p.151).

O sonho da pequena Anna, é um exemplo da estrutura simples do sonho de uma criança. Diferentemente do sonho nos adultos, não nos deparamos com enigmas para resolvê-lo: Anna, ao dormir, desfruta de seu “banquete” e, assim, realiza a satisfação da fome que passara, devido ao jejum que lhe fora imposto no dia anterior. A simplicidade de tal sonho, não reside apenas na presença de pratos pouco elaborados em seu cardápio, mas no curto caminho que o psiquismo percorre para resolver o problema entre sua fome e sua satisfação. Se compararmos a estrutura do sonho de Anna à do sonho de Freud com seu tio Josef, podemos constatar a distância entre a origem do desejo e sua realização:

Justamente a realização de desejo já nos levou a dividir os sonhos em dois grupos. Encontramos sonhos que se mostravam abertamente como realizações de desejo; outros, cuja realização de desejo era irreconhecível, muitas vezes ocultada por todos os meios. Nos últimos, reconhecemos a obra da censura onírica [e do trabalho do sonho]. Encontramos sonhos de desejo não distorcidos sobretudo em crianças; sonhos de desejo *curtos* e francos também *parecem* – insisto nessa reserva – ocorrer em adultos (FREUD, 1900, p. 579).

Não temos motivos para insistir nas reservas de Freud quanto à presença de sonhos curtos nos adultos. Inclusive, pelo contrário, é exatamente sobre isso que estamos interessados. Mas, nesse sentido, nossa busca será mais fértil se pudermos conceber os sonhos curtos, naquilo que sua estrutura nos ensina de maneira mais ampla sobre o pensar, o pensar na sua forma mais elementar e arcaica no psiquismo humano:

O ‘retorno ao ponto de vista embrional da vida psíquica no sonho’ e a observação de Havelock Ellis, ‘*an archaic world of vast emotions and imperfect thoughts*’, nos parecem antecipações felizes de nossa exposição de que modos de trabalho primitivos, reprimidos durante o dia, tomam parte na formação do sonho; poderíamos fazer nossas em toda a sua extensão as palavras de Sully de que ‘o sonho traz de volta nossas personalidades anteriores desenvolvidas sucessivamente, nossa maneira antiga de ver as coisas, impulsos [*Impulse*] e modos de reação que nos dominaram há muito tempo’ [1914] (FREUD, 1900, p.619).

Assim sendo, precisamos lançar luz sobre a natureza psíquica do desejar. Ela nos fornecerá os últimos elementos que precisamos para articular o esquema do aparelho psíquico com o sonhar enquanto uma maneira arcaica de pensar que chamamos de onipotência do pensamento. A citação que seguirá será muito longa, mas assim não corremos o risco de perder nenhum de seus detalhes:

Não duvidamos de que esse aparelho alcançou sua perfeição atual apenas pelo caminho de um longo desenvolvimento. Vamos tentar imaginá-lo em um estágio anterior de sua capacidade de funcionamento. Hipóteses a serem justificadas de outro modo nos dizem que de início o aparelho obedecia à tendência de se manter tão livre de estímulos quanto fosse possível, e por isso assumiu em sua primeira construção o esquema do aparelho reflexo, que lhe permitia descarregar de imediato por via motora uma excitação sensível que o atingia de fora. Mas as carências da vida perturbam essa função simples; a elas o aparelho também deve o estímulo para seu desenvolvimento subsequente. As carências da vida entram em contato com ele pela primeira vez sob a forma das grandes necessidades corporais. A excitação estabelecida pela necessidade interna buscará um escoamento na motilidade, que podemos chamar de ‘alteração interna’ ou de ‘expressão da emoção’ a criança faminta chorará ou se debaterá desamparadamente. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente da necessidade interna não corresponde a uma força que percute de maneira momentânea, mas a uma que atua de maneira contínua. Apenas pode ocorrer uma mudança quando, por uma via qualquer – no caso da criança por meio da assistência alheia –, se faz a experiência da *vivência de satisfação*, que elimina o estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência é o surgimento de certa percepção (no exemplo, a percepção da nutrição), cuja imagem mnêmica daí por diante fica associada com o traço mnêmico da excitação da necessidade. Tão logo essa necessidade reapareça, resultará, graças a ligação estabelecida, uma moção psíquica que pretende investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção e causar novamente a própria percepção, ou seja, na verdade restabelecer a situação da primeira satisfação. Uma moção dessas é o que chamamos de desejo: o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o investimento pleno da percepção por parte da excitação da necessidade é o caminho mais curto para a realização de desejo. Nada nos impede de supor um

estado primitivo do aparelho psíquico em que o caminho é realmente percorrido dessa maneira, ou seja, em que o desejar termina num alucinar (FREUD, 1900, p.593).

É chegado o ponto: nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que o caminho é realmente percorrido dessa maneira, do desamparo ao alucinar.

A passagem que citamos acima é muito conhecida e traz a clareza de afirmações que precisaremos retomar de maneira sucinta. O desejo surge do desamparo. A fantasia de onipotência é uma resposta ao desamparo, uma defesa. Quanto maior o desamparo, maior a onipotência. A onipotência fantasiada guarda muita semelhança ao sonho na criança, os sonhos curtos, que permanecem atuantes no funcionamento adulto, seja em seus sonhos, fantasias ou devaneios. Tal forma de pensar denuncia os aspectos mais primitivos do psiquismo, expressam a reação diante do desamparo do humano, de sua tentativa megalomaniaca e muitas vezes arrogantes de se defender do desamparo e da fragilidade. No exemplo da nutrição que Freud descreve, o bebê, diante de sua impossibilidade de transformar o mundo externo - sem os meios para alcançar seus objetivos, em uma condição corporal e psíquica plenamente dependente do auxílio de um outro, em seu completo desamparo – para alcançar a satisfação de sua fome, coloca o dedo na boca e delicia-se alucinando, sobre as sensações que a boca-dedo lhe oferece, o prazer da satisfação de uma mamada boca-seio que um dia tivera e um traço em sua memória deixara. O bebê evoca, com todas as suas forças, o registro de uma experiência passada e, ao alucinar, vive-a como uma situação presente, como se o seio sempre tivera ali onde e quando ele necessitara.

No sonho, independente do conteúdo do sonho, exatamente porque o sonho se assemelha a uma alucinação, temos a presença da onipotência. Portanto, cada vez que sonhamos, estamos exercendo um pensamento onipotente, mágico, estamos criando um mundo a partir de nós mesmos, que atenda a nossos desejos e necessidades. Realizamos um desejo sem os impedimentos da realidade. Sonhar é triunfar. Triunfar sobre o desamparo, sobre a impossibilidade de transformarmos o mundo externo para a satisfação imediata de nossas carências da vida. Ao sonhar, triunfamos, principalmente, sobre a natureza dependente de nossa existência. Criamos sozinhos, sem a ajuda de ninguém, com a percepção de costas para o mundo, para os outros. Criamos o mundo que gostaríamos de viver e como gostaríamos de vive-lo, mesmo que esse mundo se apresente no conteúdo manifesto de maneira disfarçada. Somos super-heróis, ministros,

grandes homens e mulheres, voamos, matamos, realizamos grandes feitos, entre muitas outras coisas na exata medida de nossas carências.

A fantasia de onipotência é a expressão secundária da realidade do desamparo, uma reação à condição primordial da humanidade.

4 QUANDO SONHAMOS SOMOS LEVADOS A UM MUNDO DE POSSIBILIDADES

Esse capítulo constituirá o final do nosso trabalho de dissertação e, como sugere o título, pretendemos nos despedir do leitor abrindo novas possibilidades de pesquisa e de sonhos. Nesse sentido, adotaremos uma perspectiva sobre o sonho diferente da que viemos trabalhando até aqui: o sonho em sua perspectiva de futuro. Imaginamos que Freud (1900, p.648) nos desaconselharia seguir nessa direção, como ele mesmo afirma no último parágrafo em *A interpretação dos sonhos*:

E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Nem se deve pensar nisso, é claro. Em seu lugar poderíamos colocar: para o conhecimento do passado. Pois o sonho provém do passado em todos os sentidos. É certo que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro também carece inteiramente de conteúdo de verdade. Ao nos mostrar um desejo realizado, o sonho de fato nos leva ao futuro; mas esse futuro que o sonhador toma por presente é criado pelo desejo indestrutível à imagem daquele passado.

Concordamos inteiramente com essas afirmações, tanto que o nosso exame do livro dos sonhos encontrou - no mundo ao qual somos transportados quando sonhamos - as formas mais arcaicas do pensar, a criança e seus impulsos, sua maneira particular de experimentar e atribuir sentido às experiências. O passado, em psicanálise, é constituído por toda a complexidade da presença do infantil no psiquismo e, o sonho, constitui seu paradigma fundamental. Este foi o núcleo de nossa pesquisa e, esperamos tê-lo demonstrado com os capítulos 2 e 3. No entanto, ainda que Freud afirme que os sonhos são realizações de desejo irrealizados na vigília, em uma nota de rodapé acrescentada em 1909 à *A interpretação dos sonhos*, ele nos diz: “Faz tempo que descobri que basta um pouco de coragem para realizar esses desejos por longo tempo considerados inalcançáveis” (FREUD, 1900, p.214).

Assim sendo, passamos a nos interrogar sobre o sonho e o sonhar enquanto uma abertura para um horizonte de possibilidades existenciais - uma expansão da mente.

Porém, não nos surpreenderá se o leitor se espantar com a linguagem que estamos utilizando e, inclusive, isso gerar um receio de estarmos flertando com um campo transcendental e místico. Não é essa nossa intenção. Manteremos nossa pesquisa estritamente fundamentada no método psicanalítico, mas precisaremos, a partir daqui conduzir nossa investigação de maneira heurística, ou seja, sugerindo, apontando e

propondo elos entre ideias sem, necessariamente, analisá-los e demonstrá-los, como procuramos fazer nos capítulos 2 e 3. Pretendemos com isso cartografar o horizonte que circunda o núcleo desta dissertação: a onipotência do pensamento e o sonhar como uma forma especial de pensar.

Cabe aqui, retomarmos uma pergunta que Freud se fizera: “Pode o sonho nos ensinar algo novo sobre nossos processos psíquicos interiores, pode o seu conteúdo corrigir opiniões em que acreditamos durante o dia?” (FREUD, 1900, p.143).

4.1 O SONHO É UMA FORMA ESPECIAL DE PENSAR

Voltemos ao início de nosso trabalho, mais especificamente no capítulo 2, quando formulamos a pergunta que orientou a leitura que fizemos da *A interpretação dos sonhos* (1900) – a que mundo, do ponto de vista freudiano, somos levados quando sonhamos? Se ainda estiver acessível à memória do leitor, formulamos essa pergunta aproximando a perspectiva da teoria pré-científica sobre os sonhos - na qual o sonho teria a capacidade de transportar o indivíduo a um outro mundo, ao mundo dos espíritos - da teoria freudiana, que não supõe um mundo transcendental, mas supõe um mundo mental regido por uma outra lógica – que não a da vigília e nem a da consciência –, a lógica do inconsciente.

Seguindo nessa investigação, chegamos ao mundo, do ponto de vista freudiano, composto por pictogramas e leis sintáticas autônomas e inteligíveis, com produtos plenos de sentido - os sonhos - passíveis de serem interpretados e introduzidos na vida de vigília. O sonho, portanto, passa a ser uma janela por onde podemos olhar a alma humana. Através dela, avistamos sua condição fundamental, o desamparo.

Pudemos, pela análise dos aspectos formais do sonhar, encontrar uma maneira arcaica de pensar e que se assemelha ao alucinar. Ao sonhar, regredimos temporal, tópica e formalmente e substituímos a realidade de nosso desamparo por um mundo de satisfações que atenda às necessidades de nossas carências. Assim, afirmamos que no sonho, independente do conteúdo do sonho, temos a presença da onipotência do pensamento.

A maneira pela qual viemos analisando os sonhos pôde nos fornecer uma melhor compreensão sobre a onipotência do sonhar, ou seja, quando a onipotência vigora na forma do pensamento, independentemente de seu conteúdo. Seguindo por

esse caminho, chegamos à conclusão que todo o sonhar é um triunfo sobre a realidade do desamparo. Ou seja, substituímos a verdadeira realidade de nossa fragilidade por uma realidade inventada, mágica e onipotente.

Nesse sentido, a regressão pode ser encontrada em diversos processos psíquicos, tanto na doença quanto na saúde. Em todos eles - alucinar, sonhar, lembrar, fantasiar, devanear, delirar e pensar - encontramos a presença da onipotência do pensamento que permite uma superação da realidade com maior ou menor grau de contato com ela. Inclusive, será esse grau de relação com a realidade que nos permitirá pensar em como esses processos ocorrem na psicopatologia. Em certa medida, todos os trabalhos psíquicos carregam em si algum grau de onipotência do pensamento para poderem operar. Por definição, o simples fato desses processos serem psíquicos, ou seja, por serem uma representação ideativa, faz com que eles carreguem em si algum distanciamento ou abstração da concretude da realidade.

Porém, se todos os pensamentos carregam alguma magia, nem todos eles caracterizam um pensamento mágico. E aqui, cabe um comentário. Durante nossas leituras, buscamos caracterizar o sonhar enquanto uma forma especial de pensar e, para nossa surpresa, nos deparamos com mais de uma forma de pensar: o pensamento mágico e o pensamento onírico. O leitor terá a chance, mais adiante, de ver como encontramos esses pensamentos na *A interpretação dos sonhos* e na maneira singular que Freud foi construindo seu pensamento psicanalítico. Mas como nossa leitura também foi orientada por autores contemporâneos, apresentaremos as definições de tais pensamentos que contemplam os desenvolvimentos das elaborações de tais ideias. Nesse sentido, Ogden (2010, p.23) nos oferece uma precisa definição:

Uso o termo *pensamento mágico* para designar o pensar que recorre à fantasia onipotente para criar uma realidade psíquica que o indivíduo viva como 'mais real' do que a realidade externa – como se observa, por exemplo, no uso da defesa maníaca. Esse pensamento substitui a realidade externa real pela realidade inventada, mantendo assim a estrutura existente do mundo interno. Além do mais, o pensamento mágico subverte a oportunidade de aprender a partir da experiência vivida com objetos externos reais. O preço psicológico a pagar por recorrer ao pensamento mágico é prático: o pensamento mágico não funciona no sentido de que nada se pode construir sobre ele a não ser mais camadas de construções mágicas.

Sendo assim, podemos aqui estabelecer um ponto de contato entre a onipotência do pensamento, o pensamento mágico e os estudos sobre o narcisismo. No final do

capítulo 3, chegamos até a esboçar essa relação, mas não explicitamos esse elo. Ou seja, afirmamos que ao sonhar, triunfamos, principalmente, sobre a natureza dependente de nossa existência e, assim, criamos a sensação de que satisfazemos nossas carências sozinhos, sem a ajuda de ninguém, com a percepção de costas para o mundo, para os outros. Nesse sentido, Ogden (2010, p.27) afirma:

Nada (nem ninguém) pode ser construído sobre ou com o pensamento mágico porque a realidade onipotente criada carece da pura e imóvel alteridade da verdadeira realidade externa. A experiência da alteridade da realidade externa é necessária para a criação da experiência genuína de si. Se não há *não eu*, não pode haver *eu*. Sem o outro diferenciado, a pessoa é todos e ninguém.

Caracterizado o pensamento mágico, vamos ao pensamento onírico. Esse será essencial para desenvolvermos nosso pensamento a partir desse ponto, de acordo com Ogden (2010, p.34).

O pensamento onírico é o trabalho psicológico predominantemente inconsciente que se realiza durante o sonhar. Sonhamos continuamente, tanto acordados quanto adormecidos (Bion, 1962^a). Assim como a luz das estrelas no céu fica obscurecida pelo brilho do sol durante o dia, o sonhar continua enquanto estamos acordados, ainda que seja obscurecido pela luz da vida de vigília. O pensamento onírico é a forma de pensar mais abrangente, penetrante e criativa. Somos insaciáveis em nossa necessidade de sonhar nossa experiência vivida no esforço de criar significados pessoais, psicológicos (que se organizam e são representados em formas de imagens visuais, símbolos verbais, impressões organizadas de modo cinestésico, e assim por diante) (Barros e Barros, 2008).

Portanto, se pudermos ser o mais direto e sucinto possível na formulação do problema que encontramos ao tratarmos do sonho e da onipotência do pensamento contida nos processos de sonhar, nosso problema se encontra no paradoxo entre negar e criar uma realidade. Vejamos como podemos traduzir esse problema e defini-lo melhor nos termos e com os elementos que temos trabalhado até aqui. No entanto, vale ressaltar que ainda que possamos trabalhar com os elementos que demonstramos, eles serão insuficientes para compreendermos a totalidade das ideias que tentaremos esboçar. Seria necessário, para tanto, relermos *A interpretação dos sonhos* (1900) a partir das descobertas posteriores de Freud, especialmente, de 1937 em *Construções em Análise*. Precisaríamos também utilizar do vértice de leitura construído por Bion de

uma teoria sobre o pensar. Além disso, poderíamos incluir autores pós-bionianos como Ferro, Ogden e o casal Rocha Barros para pensarmos uma concepção contemporânea sobre os sonhos e seu uso na psicanálise atual. Incluiríamos também as ideias de Winnicott sobre o papel da ilusão, os estudos sobre *memories without recollection* do casal Botella e o trabalho de Green, especialmente sobre o trabalho do negativo. Mas, tudo isso fica como indicação pesquisas futuras. O que poderemos fazer, será apenas um esboço com o que pudemos apreender da leitura sobre a onipotência do pensamento em *A interpretação dos sonhos* (1900) inspirados em muitas das ideias desses e outros autores contemporâneos.

Voltemos a nosso objeto privilegiado de investigação: o sonho com o tio Josef. Lembremos que em suas análises Freud se pergunta sobre a fonte de sua ambição de tornar-se ministro e encontra em suas associações as duas lembranças, que já citamos integralmente, e que remetem à profecia da camponesa à sua mãe - de que estaria presenteando o mundo com um grande homem - e o desejo de seu pai - de que se tornasse ministro, uma forma de assimilação triunfal para um judeu pobre na sociedade vienense assombrada pelo antissemitismo. Se pudermos analisar, retrospectivamente, a vida e a obra de Freud, não podemos afirmar que, de fato, ele se tornara um grande homem, como profetizara a velha camponesa à sua mãe e um ministro (médico) com grande reconhecimento social, como desejara seu pai? Além disso, é possível considerarmos que a ambição de Freud, a qual não reconhecia em si, e que julgara descabida, não fora também o motor de sua grande realização: a descoberta da psicanálise? E, ainda mais, como podemos pensar as semelhanças entre a formulação que Freud faz em 1914 sobre o narcisismo - e a determinação dos desejos dos pais na origem da vida de um bebê (*His Majesty the Baby*) - com a natureza da investigação sobre as fontes de sua ambição despertadas pelo sonho com o tio Josef em 1900?

His Majesty the Baby, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia. A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe (FREUD, 1914, p.110).

Se não considerarmos tais semelhanças como mera coincidência, mas também, não tomarmos o sonho com o tio Josef como uma profecia, que compreensão

precisamos construir sobre o sonho e o sonhar para podermos estabelecer elos inteligíveis entre esses fenômenos?

Acrescentemos um dado importante para que o leitor possa acompanhar nosso pensamento: o início dessa pesquisa, além dos sonhos do pesquisador que apresentamos na introdução do trabalho¹⁰, se deu, justamente, na intuição de uma possível relação entre as experiências emocionais analisadas no sonho de Freud com o tio Josef em 1900 e as formulações teóricas que ele fizera acerca do narcisismo em 1914. A medida em que Freud vai analisando as fontes de sua ambição, e vai encontrando em suas associações os desejos não realizados de seus pais, sua megalomania infantil, em estreita relação com o sofrimento de ser um judeu pobre em uma sociedade antissemita, foi nos causando a impressão de que estávamos diante da pesquisa dos sonhos enquanto uma elaboração pessoal de Freud - de seu sofrimento e de seus triunfos. Porém, embora Freud tenha como ponto de partida suas experiências pessoais, sua intenção é a construção de uma teoria psicológica geral sobre o funcionamento mental humano - a metapsicologia – e, esses dois processos parecem, ao longo da obra, progredir concomitantemente. Esse progresso, inclusive, vai sofrendo do enriquecimento e dos impasses que a relação entre subjetividade e ciência impõem, no caso, a Freud. Como ele mesmo diz, de maneira belíssima, em seu prefácio de *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900, p.4):

Ao comunicar meus próprios sonhos, no entanto, tornou-se inevitável mostrar a desconhecidos mais do que eu gostaria acerca das intimidades de minha vida psíquica e que normalmente cabe a um autor que não é poeta, e sim investigador da natureza. Foi algo embaraçoso, mas imprescindível; conformei-me com isso, portanto, para não ter de renunciar inteiramente à demonstração dos resultados de minhas pesquisas psicológicas [...]. Apenas posso manifestar a expectativa de que os leitores deste trabalho se coloquem na minha difícil situação a fim de serem indulgentes comigo, e, além disso, que todas as pessoas que, de alguma forma, se julgarem referidas nos sonhos comunicados permitam que pelo menos a vida onírica desfrute da liberdade de pensamento.

¹⁰ Que interpretamos como uma abertura de sensibilidade para as ideias que estamos investigando.

Notemos que, além de explicitar a problemática epistemológica de seu estudo autobiográfico e científico, Freud inaugura seu livro como um manifesto: “[...] pelo menos a vida onírica desfrute da liberdade de pensamento”!¹¹

Inspirados nessa liberdade de pensamento é que gostaríamos de propor que passemos a colocar as ideias sobre o sonho e o sonhar, que expusemos até aqui, para trabalhar, com o risco, inclusive, de que elas se contradigam ou, até mesmo, se superem. Avisamos, de antemão, que esse exercício poderá deixar o leitor mais perdido, pois terá que inferir os elos onde eles não estiverem explicitados. Essa será uma tarefa mais solitária do leitor que, a partir daqui, precisará ser indulgente conosco diante das imprecisões que poderemos incorrer.

Voltemos às palavras de Freud (1900, p.641) para iniciarmos nosso exercício.

Mal vale a pena o esforço de apresentar a importância histórica dos sonhos como um tema à parte. Quando um comandante, por exemplo, é levado por um sonho a um empreendimento ousado cujo êxito alterou a história, surge um novo problema apenas enquanto se contrapõe o sonho, como se fosse uma potência estranha, a outras forças psíquicas mais familiares, problema que desaparece quando considera o sonho como uma *forma de expressão* de moções sobre as quais durante o dia pesava uma resistência e que durante a noite puderam buscar reforço de fontes profundas de excitação. Porém, o respeito com que os povos antigos trataram o sonho é uma homenagem, fundada numa intuição psicológica correta, ao indomado e ao indestrutível na psique humana, ao *demoníaco* que produz o desejo onírico e que encontramos em nosso inconsciente.

O comandante a que Freud se refere nessa passagem é Alexandre, o Grande que sonhara com um sátiro dançando em seu escudo. Esse sonho se dera diante da longa espera que causara irritação e aflição em Alexandre da Macedônia quando sitiava Tiro. *A interpretação do sonho* decompôs a palavra sátiro em $\Sigma\alpha - \text{Τυρο}\zeta$, ou seja, *Tiro é tua*. Diante disso, o sonho levou Alexandre, o Grande a intensificar o cerco de modo a se tornar senhor da cidade, conforme Freud aponta em *A interpretação dos sonhos* (1900).

O exemplo nos pareceu pertinente para o caminho que queremos percorrer nessa discussão: um sonho grandioso, mas que dessa vez, não se explica apenas por um desejo que se contrapõe a uma defesa. A realização de desejo figurada no sonho – a conquista de Tiro – não corresponde à uma substituição da realidade do dia por uma realidade

¹¹ Ideia retirada das comunicações de Tales ab’Saber nos seminários sobre o sonho no curso de psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (2014).

inventada a noite. Pelo contrário, ao despertar, Alexandre, o Grande enriquece suas forças em seu ousado empreendimento e, dessa forma obtém o tão desejado êxito que alterou a história¹².

Tomemos a liberdade para parafrasear Freud, na mesma passagem sobre o sonho de Alexandre, o Grande. Passemos, assim, a trazer a pesquisa para os termos com os quais temos trabalhado. Substituímos as palavras ‘comandante’ por ‘pensador’ e ‘empreendimento ousado’ por ‘descobrimento da psicanálise’. Vejamos o resultado: Quando um *pensador*, por exemplo, é levado por um sonho ao *descobrimento da psicanálise* cujo êxito alterou a história, surge um novo problema.

A saída que Freud encontrara para tal problema nos coloca na trilha dessa nova direção que o sonhar nos possibilita: é preciso considera-lo “uma *forma de expressão* de moções sobre as quais durante o dia pesava uma resistência e que durante a noite puderam buscar reforço de fontes profundas de excitação” (FREUD, 1900, p.641). Essa consideração, inclusive, leva Freud a um elogio aos povos antigos e o respeito com que tratavam os sonhos. Em conformidade com Ribeiro (2019), sabemos que para eles os sonhos serviam-lhes como um oráculo.

Notemos também que, ao se referir ao sonho como uma forma de expressão sobre a qual, durante o dia, pesava uma resistência e durante a noite pode se expressar, Freud indica algo diferente da maneira como vinha trabalhando sobre os sonhos: podemos inferir que o sonho não se restringe à noite, essa forma de expressão também opera durante o dia, mas ofuscado pelas resistências, pela própria luz do dia.

Estamos, portanto, tentando encontrar uma nova chave para lermos o sonho de Freud com o tio Josef: o sonho enquanto uma tentativa de elaboração de uma experiência emocional e que, tanto conclui suas tarefas e hipóteses inconclusas sobre seus estudos sobre a histeria¹³, quanto amplia e expande seu horizonte de pesquisa sobre a psicanálise, especificamente, sobre os temas do narcisismo. Nesse sentido, *A interpretação dos sonhos* (1900) se oferece como um objeto privilegiado de pesquisa pois, como afirma Anzieu (1959), temos a possibilidade de lermos na autoanálise de Freud os caminhos psicológicos que percorre uma grande descoberta.

Voltemos, portanto, ao sonho com o tio Josef, para iniciarmos essa nova leitura. Para tanto, não faremos uma nova interpretação. Pretendemos apenas identificar alguns

¹² Podemos contrapor essa dimensão do sonho ao sonho da pequena Anna Freud quando promovera um banquete para satisfazer sua fome do dia anterior.

¹³ Como as aproximações entre os sintomas e os sonhos, assim como apresentamos no capítulo 2.

elementos das experiências emocionais contidas no sonho e que compõem um horizonte de problemas psicanalíticos contemporâneos. Para fazer jus à dimensão de progresso das ideias, incluiremos alguns sonhos que Freud apresenta na sequência do sonho com o tio Josef: os sonhos de Roma.

4.2 TODOS OS SONHOS LEVAM A ROMA

Sabemos o quão repetitivo pode se tornar esse exercício de voltarmos mais uma vez ao sonho com o tio Josef. Portanto, tentaremos fazê-lo da maneira mais breve, apenas retomando os elementos que nos parecem essenciais.

Lembremos que, além de se indagar sobre as fontes de sua ambição e encontrá-las nas lembranças dos desejos de seus pais, Freud nos diz:

Ao tratar os dois eruditos e respeitáveis colegas tão mal por serem judeus, um deles como se fosse um imbecil, o outro como se fosse um criminoso – ao proceder assim, comporto-me como se eu fosse o ministro, coloco-me na posição do ministro. Que vingança radical contra Sua Excelência! Ele se nega a me nomear professor adjunto e em compensação me coloco em seu lugar no sonho (FREUD, 1900, p. 214).

Durante nossa pesquisa, pudemos demonstrar como uma análise do sonhar levou-nos a compreender a onipotência do pensamento presente nesse sonho. Dessa forma, o sonho permitiu Freud colocar-se magicamente no lugar de Ministro e, assim, realizar seu desejo. Comportando-se assim, Freud substitui a realidade de sua frustração por uma realidade inventada de satisfação no sonho.

Porém, a partir daqui, queremos apreender desse sonho um elemento central de seu conteúdo que retornará com toda a força no conjunto dos sonhos de Roma: o antissemitismo do ministro da época impedia a nomeação de judeus ao título de professor adjunto. Freud, nesse sonho, inverte as posições da cena, ou seja, ao comportar-se como ministro reproduz ativamente a violência aos colegas judeus – e a si mesmo - que vivera passivamente¹⁴. Nesse sentido, o sonho não apenas realiza seu desejo de ser ministro, mas revela a humilhação e a impotência que o antissemitismo impunha a Freud, por ser judeu.

¹⁴ ver as ideias de Freud acerca do fort-da em Além do Princípio do Prazer (Freud, 1920).

Notemos que, ao escolher a humilhação e a impotência diante do antissemitismo como elementos centrais da experiência emocional do sonho de Freud, estamos adentrando o campo dos aspectos traumáticos contidos no sonho. Nesse sentido, a onipotência do pensamento enquanto uma substituição de uma realidade verdadeira por uma realidade inventada - ainda que seja uma ideia plena de sentido e de extrema importância para a compreensão de certos fenômenos -, nesse caso, nos pareceu insuficiente para a complexidade do que se apresenta. Vejamos como esses elementos retornam na sequência dos sonhos de Freud e, passemos então, a ampliar nossas ideias sobre o sonhar, mais especificamente, sobre o pensar onírico.

Os sonhos de Roma são apresentados por Freud no parágrafo seguinte da última análise do sonho com o tio Josef. O elo explícito que leva Freud de um aos outros é a tentativa de demonstrar como o desejo que estimulou o sonho, embora sendo atual, está estreitamente ligado às lembranças infantis profundamente arraigadas. Dessa forma, ele nos apresenta “uma série de sonhos em cuja base se encontra o anseio de ir a *Roma*” (Freud, 1900, p. 214). Nessa época, Freud se diz impossibilitado de realizar tal desejo, segundo ele por motivos de saúde. E é, justamente nessa passagem do texto, que ele, nove anos depois, acrescenta a nota de rodapé que apresentamos no início desse capítulo: “basta um pouco de coragem para realizar esses desejos por longo tempo considerados inalcançáveis” (FREUD, 1900, p.214).

Não apresentaremos os sonhos em detalhes, pois nos tomaria muito tempo e paciência do leitor. Para nossa investigação, basta considerar que se trata de quatro sonhos, todos eles referidos a esse desejo, um dia impedido. Apresentaremos uma sequência de passagens desses sonhos. Dessa forma, poderemos acompanhar como os elementos em torno do desejo de ir à Roma vão retornando em cada um dos sonhos, até que Freud encontre o elo mais profundo de contato com as lembranças infantis de sua vida emocional. Vamos aos sonhos...

No primeiro sonho, Freud, apesar de muito próximo de Roma, não conseguira pôr os pés na cidade.

No segundo sonho, Freud (1900, p.215) diz:

Noutra ocasião, alguém me conduziu ao topo de uma colina e me mostrou Roma meio velada pela neblina, e de uma distância tão grande que me admirei com a nitidez da vista [...]. O motivo de ‘ver a terra prometida de longe’ pode ser reconhecido nele com facilidade.

No terceiro sonho, Freud está finalmente em Roma. Mas, ainda que o sonho assim lhe diga, a cidade é Ravena, e ao perceber ele sente uma enorme desilusão. Esse terceiro sonho o leva a duas associações:

No material de que o sonho é tramado, posso reconhecer duas daquelas divertidas anedotas judaicas que ocultam tanta sabedoria profunda, muitas vezes amarga, e que tanto gostamos de citar em conversas e cartas. Uma delas é a história da ‘constituição’, que trata de como um judeu pobre consegue embarcar sem passagem num expresso para Karlsbad, é apanhado, expulso do trem em cada inspeção, tratado sempre com mais rigor, e que, quando perguntado por um conhecido, que o encontra numa das estações de seu calvário, sobre seu destino, responde: ‘Se minha constituição aguentar, *Karlsbad*’. Outra história afim é a de um judeu que não sabia francês e a quem recomendam que pergunte em Paris pela Rue Richelieu [em tradução literal, ‘rico lugar’ (N.R.)]. *Paris* também foi por longos anos um alvo de meus anseios, e a felicidade com que pela primeira vez coloquei os pés no solo parisiense foi tomada por mim como garantia de que também realizaria outros desejos (FREUD, 1900, p. 215).

Antes de partirmos para o quarto e último sonho, reunamos os elementos centrais para nossa análise dos três sonhos anteriores: i) Roma faz referência à “terra prometida”, ii) Freud, finalmente, põe os pés nessa terra, mas percebe que é uma ilusão. O sonho, assim, o leva a duas anedotas sobre um judeu pobre tentando fazer uma viagem a um lugar desejado e rico, enfrentando todos os impedimentos que sua condição impunha, indagando-se, inclusive, sobre a resiliência de sua constituição. Paris representa uma esperança da possibilidade de realizações de outros desejos.

Finalmente, chegamos ao quarto sonho. Aqui, encontraremos o elemento que nos parece central: a figura histórica de Aníbal, aquele que não chegara à Roma. Vejamos o que Aníbal representa na vida íntima de Freud:

Eu seguira, afinal, os passos de Aníbal; assim como ele eu tampouco estava destinado a ver Roma [...]. Mas Aníbal, a quem eu me assemelhara nisso, fora o herói predileto de meus anos de ginásio; [...] Quando, nos últimos anos de ginásio, comecei a compreender as conseqüências de ser descendente de uma raça estrangeira e os sentimentos antissemitas de meus colegas me advertiam a tomar posição, a figura do general semita cresceu ainda mais aos meus olhos. *Aníbal* e *Roma* simbolizavam para o jovem a oposição entre a tenacidade do judaísmo e a organização da Igreja Católica. A importância que o movimento antissemita assumiu desde então em nossa vida emocional ajudou a fixação dos pensamentos e das sensações daqueles primeiros tempos. Assim, para a vida onírica, o desejo de ir a Roma se transformou num disfarce e num símbolo para

vários outros desejos almejados com ardor em cujo cumprimento se deveria trabalhar com a persistência e a lealdade dos cartagineses, e cuja realização parece temporariamente tão pouco favorecida pelo destino quanto o desejo de Aníbal, alimentado ao longo de sua vida, de entrar em Roma (FREUD, 1900, p.217).

Paremos aqui, por um instante. Sabemos que para completar a interpretação desses sonhos, segundo Freud, ainda precisamos encontrar a lembrança infantil profundamente arraigada por trás deles. Ela virá logo na sequência desses comentários. Mas antes, seguindo a maneira pela qual estamos propondo analisar o pensar onírico, já encontramos até aqui elementos fundamentais que corroboram nosso pensamento.

A forma que Freud escolhera para apresentar seus sonhos já nos chama atenção: não se trata de um sonho, mas de um conjunto de sonhos. Como podemos explicar que uma mesma experiência precise de tantos sonhos para se representar? Até esse momento, não tínhamos trabalhado sobre uma sequência de sonhos, muito menos um conjunto de sonhos que se agrupa em torno de um elemento comum e explícito no conteúdo manifesto: o anseio de ir à Roma. Lembremos que ao analisar o sonho com o tio Josef, esse aparece mais de uma vez na *A interpretação dos sonhos* e exige uma análise cada vez mais aprofundada. Nesse caso, foi necessário a formulação de um conjunto de interpretações para um mesmo sonho. Isso se explica, quando Freud assinala o caráter plurívoco dos sonhos, ou seja, sua matéria prima é composta por uma infinidade de sentidos e, portanto, uma interpretação nunca alcançaria essa totalidade. Mas no caso dos sonhos de Roma parece que um novo problema surge: uma experiência parece precisar de muitas tentativas para se figurar. Ainda que Freud interpretara cada um dos sonhos, uma experiência profunda parece nunca satisfeita e insiste em retornar. Como podemos formular esse novo problema?

O trabalho do sonho nos permite uma regressão dentro do aparelho psíquico e, dessa forma, é capaz de presentificar as mais arcaicas maneiras de pensar e as mais profundas lembranças infantis. Toda essa compreensão faz sentido quando pensamos no sonho enquanto uma realização de desejo. Como nos diz Freud, “Ao nos mostrar um desejo realizado, o sonho de fato nos leva ao futuro; mas esse futuro que o sonhador toma por presente é criado pelo desejo indestrutível à imagem daquele passado” (FREUD, 1900, p.648). Porém, o problema que os sonhos de Roma nos colocam é: se em cada um dos sonhos existe uma realização de desejo, por quais motivos um mesmo desejo retornaria em vários sonhos?

A insistência de um mesmo elemento em retornar em um conjunto de sonhos nos sugere que há também no sonho não apenas uma realização de desejo, mas uma *tentativa* de realização. Essa tese foi formulada por Freud em 1932 (em *Revisão da teoria dos sonhos*), dez anos depois da formulação de sua segunda tópica, com a introdução do conceito de Id (BOTELLA, 2014). Mas, já podemos encontrar em 1900 uma semente dessa problemática.

Feito esses comentários, voltemos aos sonhos de Roma, e ressaltemos mais um elemento para construirmos essa maneira de compreender o pensar onírico. Faremos isso, citando mais uma vez parte de uma passagem que apresentamos, antes mesmo, de nos voltarmos para a lembrança a qual Freud é lançado a partir desses sonhos.

Ao se indagar sobre o que Aníbal e Roma representavam em sua vida íntima, Freud (1900, p.217) afirma:

Assim, para a vida onírica, o desejo de ir a Roma se transformou *num disfarce e num símbolo* para vários outros desejos almejados com ardor em cujo cumprimento se deveria *trabalhar com a persistência e a lealdade* dos cartagineses, e cuja realização parece temporariamente tão pouco favorecida pelo destino quanto o desejo de Aníbal, alimentado ao longo de sua vida, de entrar em Roma (Grifos nossos).

Desta vez, a insistência nessa passagem é nossa. Freud faz uma definição sobre a representação do desejo de ir à Roma que introduz um elemento fundamental para pensarmos o trabalho do sonho.

Dissemos, anteriormente, que o trabalho dos sonhos é o que permite transformarmos o conteúdo latente em conteúdo manifesto e, ao disfarçar os elementos que seriam rechaçados pela defesa, os tornam passíveis de adentrar à consciência. Porém, nessa passagem, Freud introduz uma ideia que complexifica esse pensamento: o desejo de ir à Roma se transformou num *disfarce* e num *símbolo* para vários outros desejos.

Ou seja, isso nos sugere que o trabalho do sonho não se restringe ao disfarce, mas também à simbolização. Nesse sentido, a simbolização pode abrir a possibilidade de representação de diversas outras experiências: uma expansão de nossa capacidade de simbolizar e enriquecer nossa vida de vigília. Nas palavras de Freud, abrir as possibilidades “para vários outros desejos almejados com ardor em cujo cumprimento

se deveria trabalhar com a persistência e a lealdade dos cartagineses” (FREUD, 1900, p.217).

Foi dessa forma que começamos a incluir em nosso pensamento o sonho como um devir: uma possibilidade de expansão de nossa capacidade de simbolizar, uma simbolização de desejos capaz de orientar nossa existência, se juntarmos forças para trabalhar com persistência e lealdade para realizá-los.

Estamos, portanto, nos aproximando de uma outra questão que levantamos no início desse item: como estabelecer elos entre o sonho com o tio Josef - e a investigação de Freud sobre as fontes de sua ambição-, os sonhos de Roma - e a importância que o movimento antissemita assumiu em sua vida emocional -, e as considerações a respeito do narcisismo, formuladas em 1914. Para tanto, apresentaremos o momento em que Freud (1900, p. 217) topa “com a experiência de sua infância que ainda hoje manifesta sua força em todos esses sentimentos e sonhos”.

Eu devia ter dez ou doze anos de idade quando meu pai começou a me levar consigo em seus passeios e a me comunicar em conversas as suas opiniões sobre as coisas deste mundo. Assim, para mostrar o quanto a época em que nasci era melhor que a sua, ele contou certa vez: ‘Quando eu era jovem, saí para passear num sábado pelo lugar onde você nasceu; eu estava bem-vestido e usava um gorro de peles novo na cabeça. Então um cristão se aproximou e, com um golpe, jogou o gorro na lama enquanto gritava: ‘Fora da calçada, judeu!’’. ‘E o que o senhor fez?’ ‘Saí da calçada e juntei o gorro’, foi a resposta tranquila. Isso não me pareceu nada heroico da parte do homem grande e forte que levava o menino pequeno pela mão. A essa situação, que não satisfez, contrapuse uma outra que correspondia melhor à minha sensibilidade, a cena em que o pai de Aníbal, Amílcar Barca, faz o filho jurar diante do altar doméstico que se vingará dos romanos. Desde então, Aníbal teve um lugar em minhas fantasias (FREUD, 1900, p. 218).

Podemos nessa passagem ter contato com toda a dor de Freud diante da humilhação e impotência que o antissemitismo impõe a seu pai e a ele mesmo. Essa lembrança de fato completa o sentido das experiências do sonho: sua constituição permitiria que alcançasse o lugar desejado - Roma, a terra prometida, a Psicanálise – em um mundo assombrado pelo antissemitismo? Lembremos, que no sonho com o tio Josef, o próprio Freud (1900, p.158), ao se referir a possibilidade de nomeação para o título de professor adjunto afirma:

Disse-me de imediato, porém, que não devia associar nenhuma expectativa a esse fato [...] não se tratava de forma alguma de dizer que as uvas estavam verdes ou maduras, visto que indubitavelmente estavam fora do meu alcance.

E aqui, é que encontramos um elo de contato entre o desejo de ser ministro, a identificação com Aníbal e a formulação sobre o narcisismo de 1914 (p.110):

A criança deve ter melhor sorte que seus pais, não deve ser submetida aos mesmos imperativos que eles tiveram de acatar ao longo da vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer para a criança; as leis da natureza, assim como as da sociedade, devem se deter diante dela, e ela deve realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação do mundo. *His Majesty the Baby*, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia. A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe. O ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-se na criança. O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza.

Essa é a passagem de *À guisa da introdução ao narcisismo* (1914), a qual fomos levados por uma intuição quando tivemos o primeiro contato com o sonho do tio Josef. Soubemos, mais tarde, que a primeira minuta do artigo sobre o narcisismo foi escrita em 1913, nas férias que Freud passou, justamente, em Roma. Nesse momento, Freud construía seus artigos metapsicológicos e, portanto, não apenas Roma representava a realização de um desejo antigo, mas a Psicanálise se realizava como uma teoria sobre o humano.

Ao sonhar, Freud busca reforço em Aníbal, como uma fonte profunda de excitação, para vencer as resistências do antissemitismo que pesavam durante o dia. Mas não apenas as resistências externas pesavam sobre ele. Ao sonhar e teorizar sobre os sonhos, Freud encontrou uma maneira de enfrentar o indomado e o indestrutível na psique humana, o demoníaco que produz o desejo onírico e que encontramos em nosso inconsciente. Nesse sentido, tanto o sonho, quanto Freud, trabalharam com a persistência e a lealdade cartaginesa para realizar seus desejos, realização essa que parecia tão pouco favorecida. O trabalho aqui é duplo: um trabalho do sonho para disfarçar e simbolizar, e um trabalho do sonhador para compreender o sonho - e o

sonhar - e enriquecer criativamente a vida de vigília. Ou seja, se por um lado o trabalho do sonho produziu um triunfo, por outro, o trabalho de compreensão do sonho permitiu sua inclusão na vida de vigília, transformando um triunfo figurado em um trabalho de vida passível de realização.

Sendo assim, retomando nosso percurso de pesquisa sobre o pensar onírico, teremos que nos confrontar com uma direção que nos levará a um elogio à onipotência: ela não representa apenas a negação da realidade, mas também uma tentativa de encontrar uma saída criativa para superá-la.

Os caminhos que Freud vai percorrendo em seus sonhos nos permite ter contato com um paradoxo fundamental da experiência humana: Freud criou e descobriu a Psicanálise. Nesse sentido, tentamos encontrar os caminhos que levaram Freud a Roma e uma trilha deles pôde ser encontrada em 1900 no sonho com o tio Josef. Como nos diz Freud, ao citar Heine no texto de 1914 (p.106): “Foi a doença que causou meu ímpeto para criação; e criando pude ficar são, e criar foi o que me salvou.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos aqui de tecer nossas últimas considerações sobre os sonhos. No início do trabalho, conduzimos nossa pesquisa procurando seguir a maneira pela qual Freud se aproximou do seu objeto-sonho: analisando sua composição, suas transformações, seus mecanismos e suas leis. Pudemos, assim, analisar não apenas o sonho, mas o sonhar como uma forma especial de pensar. Seu caráter regressivo permitiu que encontrássemos, no interior do aparelho psíquico, a criança e seus impulsos, sua maneira particular de experimentar e atribuir sentido à experiência. Ou seja, pudemos afirmar que quando interpretamos um sonho, encontramos a maneira como uma criança interpreta o mundo.

A partir daí, ao investigar a origem do desejo, encontramos o desamparo como a condição primordial do humano e, nesse sentido, a onipotência do pensamento aparece enquanto uma resposta a essa condição. O sonho, portanto, passa a ser o lugar para onde nos refugiamos, e lá triunfamos sobre o desamparo e sobre a impossibilidade de transformarmos o mundo externo para a satisfação imediata de nossas carências da vida.

Porém, no capítulo três passamos a considerar um outro aspecto da onipotência do pensamento nos sonhos: ela não representa apenas a negação da realidade do desamparo, mas também uma tentativa de encontrar uma saída criativa para superá-la.

É a partir desse ponto que gostaríamos de tecer algumas considerações e que poderá nos servir como um novo ponto de partida para novos trabalhos. Para tanto, recorreremos a uma passagem do Suplemento metapsicológico dos sonhos, que Freud publicara em 1917 (p.89):

No que diz respeito à psicologia dos processos oníricos, chegamos então ao resultado de que as características essenciais do sonho são determinadas pelo estado do sono. O velho Aristóteles tinha toda a razão quando dizia que o sonho é uma atividade psíquica de quem dorme. A isto nós pudemos ainda acrescentar: trata-se de um resto de atividade psíquica, possibilitada pelo fato de que o estado narcísico do sono não conseguiu impor-se totalmente. Embora isso possa não soar muito diferente do que psicólogos e filósofos sempre disseram, estamos nos baseando em concepções totalmente diversas a respeito da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, que, em relações às concepções anteriores às nossas, têm vantagem de elucidar todos os detalhes do sonho.

Podemos ampliar muito nossas ideias sobre os sonhos se pudermos considerar que o pensamento onírico é uma forma especial de pensar e que, não se restringe à noite. Ao sonhar, buscamos uma conversa profunda conosco sobre nossas experiências do dia e da vida. Tentamos, assim, completar as tarefas, impressões e percepções da vida, atribuir sentido a elas, justamente ao nos imaginarmos em um outro mundo, sob uma outra lógica, numa outra dimensão do conhecimento: o inconsciente. Nesse sentido, o sonho é uma alucinação que completa uma percepção.

Essa forma de pensar também comporta especificidades: a onipotência do pensamento pode representar uma maneira mágica de substituir uma realidade por outra inventada ou uma tentativa de uma superação criativa dos impasses da realidade.

O sonhar, portanto, é um fechamento do sonhador em si mesmo, mas tal fechamento nunca se completa.

Para chegar a essa análise, utilizamo-nos, principalmente, de aproximações sobre os sonhos por duas vias: a teoria dos povos primitivos de que ao sonhar somos transportados para um outro mundo, e a psicologia das crianças e sua forma de atribuir sentido às experiências. Essas vias para o conhecimento do inconsciente que seguimos na Interpretação dos sonhos se tornarão, quatorze anos depois, uma das principais vias de investigação para o conhecimento do narcisismo.

Os sonhos de Freud caracterizam seu objeto de investigação e seu próprio meio de elaboração. O trabalho, como dissemos, é duplo: um trabalho do sonho para disfarçar e simbolizar, e um do sonhador, para compreender o sentido do sonho e enriquecer sua vida de vigília.

Nesse sentido, tentamos seguir uma ideia que aprendemos com nosso estudo e que nos foi fornecida, antes de qualquer coisa, pelos nossos sonhos: transformar dor e sujeira em algo valioso.

Esperamos que nosso sonho, que se transformou nesse trabalho, tenha também enriquecido os pensamentos do leitor.

REFERÊNCIAS¹⁵

AB'SABER, Tales A. M. *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ANZIEU, Didier. (1959) *El autoanálisis de Freud y el descubrimiento del psicoanálisis*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

BION, Wilfred. (1963). *Elementos de psicanálise*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

BOTELLA, César. *On remembering: The notion of memory without recollection*. In *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 95, n.5, 2014.

FREUD, Sigmund.; BREUER, Josef. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: Comunicação preliminar. In: Freud, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*, v. II. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1900). *A interpretação dos sonhos*, vs. 1 e 2. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

_____. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1933[1932]). Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937). Construções em análise. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. I. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. (1923). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

OGDEN, Thomaz. Três formas de pensar: pensamento mágico, pensamento onírico e pensamento transformador. In: BARROS NETO, Alberto Moniz da Rocha; BARROS, Elias Mallet da Rocha (Orgs.). *O Psychoanalytic Quartely: artigos contemporâneos de psicanálise*, v. I. São Paulo: Escuta, 2016.

PONTALIS, Jean B. (1977). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

¹⁵ De acordo com ABNT NBR 6023 2002.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STRACHEY, James. *Sinopses. Standart Edition da Obra psicológica completa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.